

FATALIDADES DA VIDA.

DRAMA

IV
no. 3

EM 4 ACTOS E 7 QUADROS.

COMPOSTO

PELO DOUTOR

Carlos Antonio Cordoso.



RIO DE JANEIRO.

Typ. do —Diario— de A. & L. Navarro de Andrade.
Rua do Rosario n. 84.

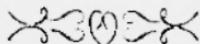
185...

1.292 594 4A

18/05/2010



DEDICATORIA.



Ilm. e Exm. Sr. Conselheiro José Thomaz Nabuco de Aranje.

Dou ao prelo a terceira das seis composições dramaticas que formão a colleção, que ousei amparar com o respeitavel nome de V. Ex.

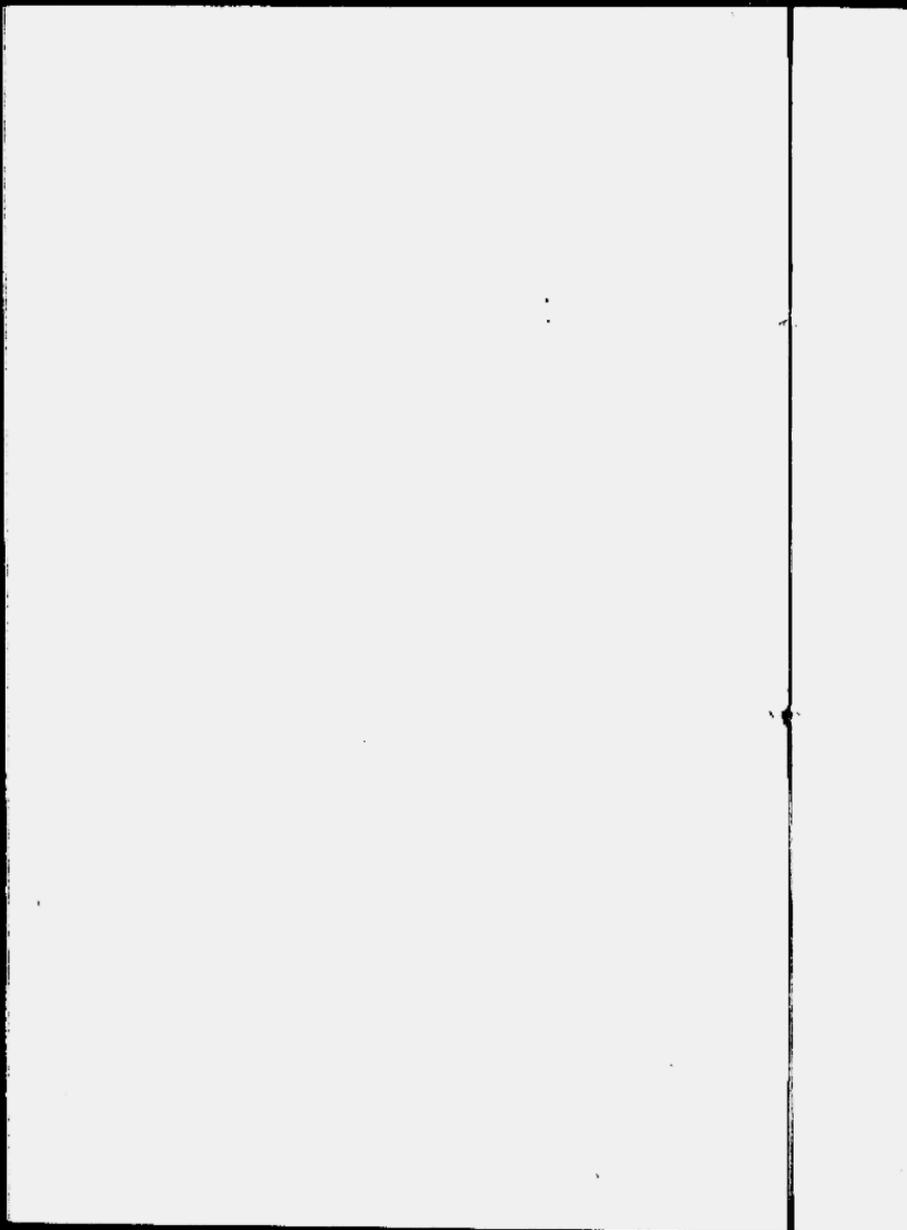
Se V. Ex. ainda se dignar acclher esta, como o fez ás duas primeiras, mais me obrigará a confessar-me

De V. Ex.

Devotado respeitador e criado

Carlos Antonio Cordaio.





PROLOGO.



Serei enfadonho em repetir ainda, que nesta minha composição dramatica, nem copiei personagens designadas, nem fiz allusões a pessoas conhecidas; porém como a fabula por mim imaginada passa-se nesta cidade, e em nossos dias, poderei achar algum officioso (pois que os ha em grande copia) que me queira tornar responsavel pelo que nunca tive tenção de fazer, ou praticar; e nestes casos todas as cautelas e protestos serão poucos.

Fiquem portanto os meus benevolos leitores sabendo, que o presente drama é mera invenção, e que todas as suas scenas são imaginadas para produzir mais ou menos effeito, segundo requerem suas diferentes situações.

Quanto ao fim, que nelle tive em vista, foi mostrar exemplarmente as graves consequencias, que se originão de casamentos prematuros, e precepitados.

Alguns mancebos, apaixonados pelos encantos de uma ou outra beldade, procurão logo casar-se sem meditar nos resultados d'esse passo, sem curar antes de saber, se ha ou não meios para depois sustentar uma familia, contando algumas vezes com recursos, que a maior das vezes fallão; e é dessa imprevidencia, que provém grande numero de desgraças,

sendo a mais commum — o ver-se esposos (que aliás viverão sempre unidos, se não accelerassem seu casamento) separar-se ao cabo de dous ou tres mezes, por não poderem fazer face aos onus conjugaes, entregando-se á prostituição e ao vicio incautas moças, (muitas vezes oriundas de boas familias, e de excellentes indoles) sendo para ahí arrastadas pelas precisões e necessidades.

Não me desvanço de haver conseguido o dito fim, a que me propuz; porém ao menos fiz todos os esforços, e valha-me a boa intenção.

Algumas pessoas farão reparo no estylo, de que usei, quando, no primeiro acto, puz em scena algumas personagens, e censurarão por exemplo que o coronel Casimiro, Domingos Garcia, etc., estivessem de gracholas e dicterios, jogando com uma pessoa respeitavel (ao menos na apparencia) como o commendador João de Moraes; mas a isso responderei — convidando os censores a frequentar os circulos, onde se joga, e verão depois que nem fui exagerado, nem infiel, usando da lingoagem, de que usei.

As chocarriees, que puz na boca do caixeiro, que no 2.º acto vem cobrar do Dr. Julio os alugueis da casa, são muito communs em alguns desses individuos sem educação, que julgão poder insultar o devedor impontual, e que hão de conseguir delle o pagamento á força de injurias, e mortificações. Quem tiver alguma lição do mundo se convencerá, de que nada mais fiz do que reproduzir, o que quasi em todos

os dias acontece, e assim não levará por certo a mal que eu usasse de frases, que parecem só próprias da rale da sociedade.

Por minha vontade, e certo do pouco merecimento do presente drama, desejaria dar uma satisfação completa aos meus leitores de cada uma de suas scenas; mas não cabendo isso no possível, lhes rogo, que se contentem com o que vai dito, e que ainda desta vez sejam benevolos, como já de outras tem sido: o que de todo o meu coração lhes ficarei agradecendo.

O AUTOR.





PERSONAGENS.

DR. JULIO, (advogado.)

JOÃO DE MORAES SARAIVA, (commendador.)

RICARDO... }
FREDERICO } Bacharcis

DOMINGOS GARCIA, (negociante.)

CASIMIRO, (coronel reformado.)

SIMPLICIO, (capitão.)

JOÃO, (caixeiro.)

FAGUNDES, (usurário.)

VALENTIM, (guarda-livros.)

UM ESTUDANTE.

DR. COIMBRA, (medico.)

JORGE, (escravo.)

UM INSPECTOR DE QUARTEIRÃO.

FREI ANSELMO.

UM SUBDELEGADO.

MATHILDE, (mulher de Julio.)

CLEMENTINA. {
LEONOR } Moças solteiras.

GERTRUDES, (velha pretenciosa.)

VIUVA GONZAGA (mãe de Mathilde.)

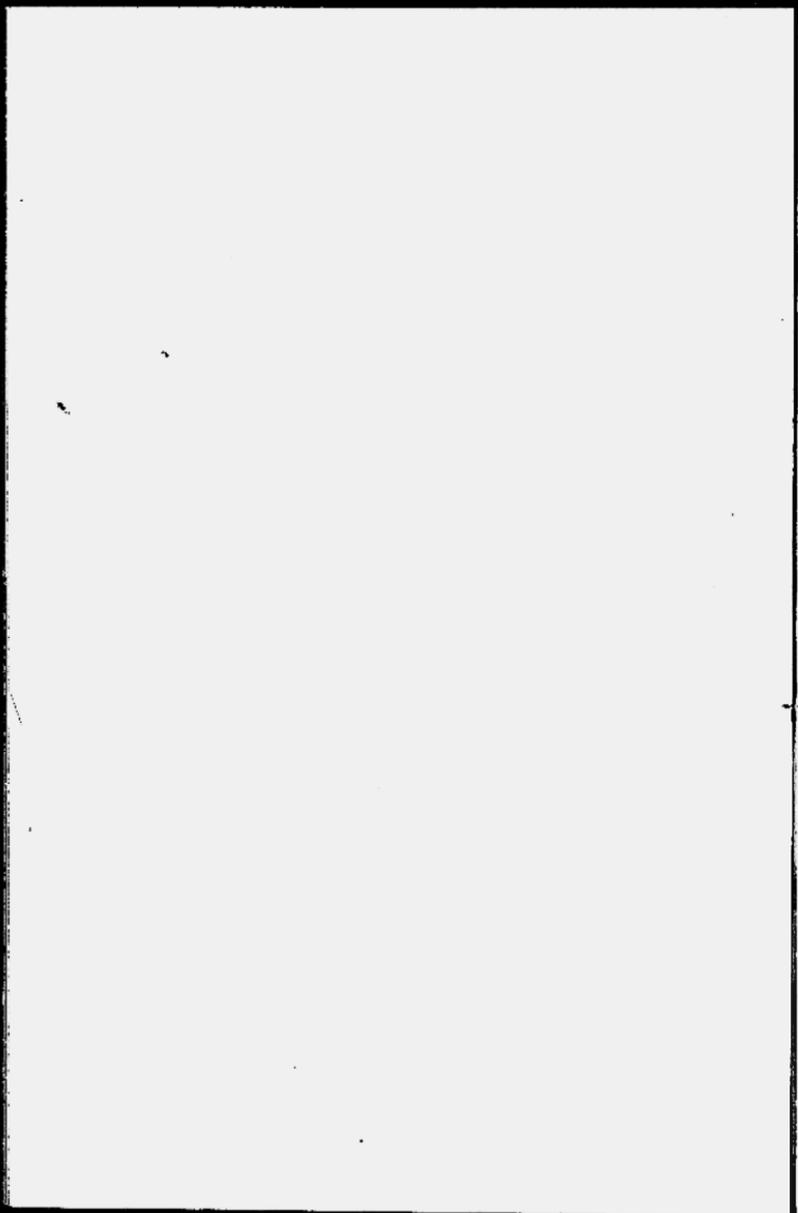
D. IGNEZ.

LAURINDA.

UMA CRIADA.

*Uma ama preta, permanentes, meirinhos, concidados,
criados, etc.*

A scena passa-se no Rio de Janeiro em 185...



ACTO I.

TUDO SÃO FLORES.

O theatro representa uma elegante sala contigua a outra, onde se figura um baile. E' noite, e a sala além de ricamente mobiliada, deve estar esclarecida por lustres, candelabros, arandelas, serpentinas, etc. Mesas de jogo aos lados da scena. A' esquerda do actor ha duas portas que dão para o salão onde ha o baile, no fundo 3 janellas para a rua com suas competentes cortinas. A' direita do actor portas de entrada.

SCENA I.

JOÃO DE MORAES (só.)

(Ao levantar do panno está elle só na sa'la, olhando com muito interesse para um par que na outra sala se figura dançar a schotichz (cuja musica se ouve.) Uma vez chega á porta, outras vezes recua: enfim nessa scena muda, deve mostrar o maior interesse possível em ver e acompanhar o par, que dança. Quando pára a musica e cessa a dança, vem elle para a scena.)

E' um anjo! é uma divindade! quanta graça em tudo que faz! que elegancia! E repudiar o meu delirante amor?! desprezar meus rendimentos, só porque na fronte já me alvejaõ alguns cabellos? porque sou velho no seu pensar?... Louca! que não sabe o que perde! como eu a cercaria de ouro! como a cubriria de brilhantes! como adivinaria seus pensamentos, para fazer-lhe todas as vontades?... Tratar com motejes e zombarias a mais ardente paixão, que pôde sentir um peito humano! Ah! que quando de tal me leubro, um terrivel furor de mim se apossa, e julgo-me capaz de commetter desatinos! *Pensa.* Para que em mais de meio da vida me havia de apparecer essa

mulher, anjo ou demonio para roubar-me todo o saço e tranquillidade de espirito! . . . Oh! mas é necessario que eu a possua. Se os mais dedicados sacrificios não a puderem abrandar, não ezitarei. . . . sim, não ezitarei em lançar mão de qualquer outro meio.

SCENA II.

JULIO E MATHILDE (*de braco dado*), **CLEMENTINA**
E RICARDO, LEONOR E FREDERICO, E DIVERSOS
PARES PASSEANDO.

(*João de Moraes appena, elles apparecem retira-se para um dos ludos, e assenta-se em um canapé.*)

JULIO (*a Mathilde, passeando.*)

Com effeito, minha senhora, é insigne na schotichz! dança com uma perfeição rarissima.

MATHILDE.

Quando se tem um par, como o senhor, que admiração ha em dançar-se bem?

JULIO.

Oh! minha senhora, está hoje muito prodiga em elogios?

MATHILDE.

Nunca estive mais justiceira.

JULIO,

Está-me confundindo.

RICARDO (*a Mathilde, encontrando-se com ella e fazendo-a parar.*)

V. Ex. já tem par para a seguinte?

MATHILDE (*a Julio.*)

A seguinte qual é?

JULIO.

E' a quarta, e por tanto a nossa.

JOÃO DE MORAES (*á parte.*)

Sempre com elle!

MATHILDE.

Este senhor enganou-me logo no principio da noite.

RICARDO.

E para a quinta já tem?

MATHILDE.

Não senhor.

RICARDO.

Nesse caso se me quizer fazer a honra de conceder-m'a?..

MATHILDE.

Com summo gosto.

JULIO (*a Ricardo.*)

E já tens vis-á-vis para essa contradaça ?

RICARDO.

Ainda não.

JULIO,

Então serei eu. E onde queres dançar ?

RICARDO.

Na quadrilha do centro, não achas ?

JULIO.

Sim, é a melhor.

CLEMENTINA (*a Mathilde.*)

Até porque fica em frente do espelho grande, e as senhoras podem ver-se mais á vontade.

MATHILDE.

Para mim é isso indifferente, ou antes não gesto de mirar-me muito, pois quanto mais me vejo, mais defeitos em mim descubro. (*Continúa o passeio.*)

CLEMENTINA.

Que modestia ! que modestia ! (*Continuão a passear.*)

LEONOR (*a Frederico, passeando na frente.*)

Como é vaidosa aquella moça ! por saber que é bonita, affecta agora não fazer caso de si.

FREDERICO.

E ó verdade, tudo aquillo é faccirice!

LEONOR.

Olhem quem falla? o senhor que é um de seus adoradores. Pensa que não sei, que o senhor me cre por ella, e que passa tres e quatro vezes por sua casa, só para ter o gostinho de comprimenta-la?

FREDERICO.

Oh! Sra. D. Leonor perdoe-me; porém isso é uma falsidade: eu frequento com effeito a rua da Imperatriz, mas consulte a sua consciencia, e diga-me quem é a causa.

LEONOR.

Ora deixemo-nos de contos: quer por ventura o senhor persuadir-me de que é por meu respeito? meu senhor, bem me conheço. Onde está a bella Mathilde, ou o anginho do Vallongo, como os senhores a chamão, quem é que poderá brilhar?

FREDERICO.

Com effeito, a Sra. D. Leonor está muito injusta.

MALTRUDE (*voltando sempre de braço com Julio, e a Leonor.*)

Então, minha sympathia, já tens pares para muitas?

LEONOR.

Tenho até á decima, mas creio que não dançarei tantas; porque meu pai tem amanhã relação, e ha de querer retirar-se cedo.

MATHILDE.

E's muito feliz, pois eu lenho só até á quinta.

LEONOR.

A mim, graças a Deos, nunca faltão pares, em todos os bailes a que vou, danço quantas quero.

MATHILDE.

Nem ha nisso que admirar, você é tão bonita. . . .

LEONOR.

Mas não tanto como o anginho do Valongo. (*Beijão-se mutuamente, e vão-se chegando para onde está João de Moraes.*)

FREDERICO (*a Mathilde.*)

Como V. Ex. disse que só tinha par para a quinta, poder-me-ha fazer a honra de conceder-me a sexta ?

MATHILDE (*a Frederico.*)

Porque não ?

JOÃO DE MORAES (*levantando-se, a Mathilde.*)

E então a mim a setima? . . .

MATHILDE (*esilando, a João de Moraes.*)

Se. . . . ainda estiver no baile. . . . não ponho duvida.

JOÃO DE MORAES (*á parte, fazendo uma cortezia.*)

Já sei que antes disso retira-se. (*Ouve-se uma quadrilha.*)

RICARDO (*a Julio.*)

Tens vis-a-vis para esta ?

JULIO (*como lembrando-se, a Ricardo.*)

Homem, parece que não ; porque . . . tens par ?

RICARDO (*a Clementina, com quem está.*)

V. Ex. já prometteu esta quarta ?

CLEMENTINA (*a Ricardo.*)

Não senhor.

RICARDO (*a Clementina.*)

Quer fazer-me a honra de dançar comigo ?

CLEMENTINA (*a Ricardo.*)

De muito boa vontade.

RICARDO (*a Julio.*)

Então serei teu vis-a-vis.

JULIO (*a Ricardo.*)

Pois vamos, que já deu o signal. *(Todos vão para a sala do baile, e a musica dentro toca uma quadrilha.)*

SCENA III.

JOÃO DE MORAES *(só.*

Para com todos tem sempre nos labios o mais delicioso

sortiso, e para comigo a mais glacial reserva. Se vencendo todos os receios, se affrontando todas as humiliações, atrevo-me a pedir-lhe uma simples contradança, ezita em conceder-m'a, e até procurará talvez retirar-se, preferindo não divertir-se, a outhorgar-me um instante de celestial ventura. Que barbaridade! que tyrannia! quanto desconhece ella os seus proprios interesses. (*Passa.*)

SCENA IV.

O MESMO E DOMINGOS GARCIA (*vindo de dentro.*)

DOMINGOS GARCIA.

Tão sósinho, Sr. João de Moraes? não quer dançar?

JOÃO DE MORAES (*dominando-se.*)

Já não estou em idade dessas folias, meu amigo, deixo isso para os rapazes. Para mim agora, só contas e socego.

DOMINGOS GARCIA.

Não se queira fazer tão velho como isso: o senhor ainda está frescalhão, e para dançar ao menos uma contradança, sua idade é muito propria. Olhe, hoje até está em moda os velhos dançarem. No Cassino eu os tenho visto bem calvos, e com os cabellos, que são da côr de neve.

JOÃO DE MORAES.

Está bom, talvez que para mais logo . . . me resolva.

SCENA V.

OS MESMOS E O CORONEL CASIMIRO.

CASIMIRO (*vindo de dentro.*)

Olá? estão na sala das emoções, e conservão-se em tanta inacção? Vejo a praça e os floretes (*apontando para as mesas e cartas*) e nada de esgrinidores? Não quer jogar uma partidinha d'ecarté, Sr. João de Moraes?

JOÃO DE MORAES.

Não estou disposto. . . . Até me sinto algum tanto incomodado.

CASIMIRO.

Isso ha de ser dos nervos . . . venha tomar um choque electrico, que o jogo é formidavel para essas molestias. Com dous réis, que volte, fica bom. Ora experimente.

JOÃO DE MORAES.

Emfim, para lhe fazer a vontade. . . . (*vai e diz á parte*) ao menos distraio-me por alguns instantes. . . .

DOMINGOS GARCIA.

Eu apostarei contra o senhor. (*Todos cheyão-se á mesa que fica á direita do actor, e João de Moraes toma o lado da parede, e fica olhando sempre para a sala do baile.*)

CASIMIRO.

Com qual baralho quer jogar, com o azul ou encarnado?

JOÃO DE MORAES.

Seja com qual fôr, é-me indifferente.

CASIMIRO.

Então jogue com este. (*Dá-lhe o azul*). Quanto ha de regular cada partida?

JOÃO DE MORAES.

(Quanto quizer.

CASIMIRO.

Vinte mil réis?

JOÃO DE MORAES (*a Casimiro.*)

Sim senhor.

DOMINGOS GARCIA

Eu levo metade; convém?

CASIMIRO.

Convenho. . . vejamos quem dá cartas. (*Levanta uma carta.*)

JOÃO DE MORAES (*que não cessa de olhar para o salão.*

(*A' parte.*) Oh! como se ri com elle! como está contente! (*Levanta tambem machinalmente outra carta.*)

CASIMIRO.

Dou eu. (*Baralha as cartas, e di para partir.*)

JOÃO DE MORAES.

(parte.) E comigo só indiferença, só desprezo!

CASIMIRO.

Parta, que já estão baralhadas.

João de Moraes parte machinalmente.)

CASIMIRO *(dando as cartas, volta o rei.)*

Marque o rei *(a Domingos Garcia, que o marca.)*

João de Moraes põem-se a olhar para as cartas e nada diz.)

CASIMIRO.

Então, que decide?

JOÃO DE MORAES,

Proponho.

CASIMIRO.

Queira jogar *(João de Moraes joga uma carta sem interesse.)*

CASIMIRO.

Essa carta *(jogando outra)*; trunpho *(joga outra)*; dama de oiros *(joga outra)*; valet de copas; *(depois de jogar João de Moraes a ultima carta)*; foi-se da melhor, meu amigo, não vio que eu cortava páos? porque não se ficou em dama de copas?

JOÃO DE MORAES.

Não prestei atenção.

CASIMIRO (*a Domingos Garcia.*)

Já marcou dois?

DOMINGOS GARCIA.

Oh! lê! Aqui ainda não estão mortos, já estão esfolados.

JOÃO DE MORAES.

Quem dá?

CASIMIRO.

E. V. S. (*João de Moraes dá as cartas e Casimiro, vendo o jogo, pergunta a Domingos Garcia.*) Isto joga-se, que diz?

DOMINGOS GARCIA.

Que é trigo de Prioste; vá-lhe dando por aqui. (*Apona a carta.*)

CASIMIRO.

Não; e se tiver o rei deste naipe?

DOMINGOS GARCIA.

Não faz mal, atire-lhe por minha conta.

CASIMIRO.

Bem. (*Joga*). Dama de oiros — valete — rei de naós — triumpho. (*João de Moraes pega com o rei*). Oh! teve o rei e não quiz marcal-o?

JOÃO DE MORAES.

Não me lembrei.

CASIMIRO.

Tanto peor para o senhor. Temos quatro, e eu dou cartas. . . . parta. (*João de Moraes parte e elle dando cartas diz*): Um reisinho agora, é que sabia (*volta o rei*) Eil-o, veio em muito boa occasião. E' finita l'istoria de la signora contessa. . . . Vamos a outra, quite ou double.

DOMINGOS GARCIA.

O Sr. Commendador parece estar hoje muito abstracto.

JOÃO DE MORAES.

Não ; estou gostando de ver ali um par que em verdade é muito galante : dançãõ ambos com muita graça. (*Os dois olhão.*)

DOMINGOS GARCIA.

Ah! é o Dr. Julio com a filha da viuva Genzaga : na verdade é um par bem igual.

CASIMIRO.

Que Dr. Julio é csse? é medico?

DOMINGOS GARCIA.

Nada ; é filho daquelle Costa da Prainha, que negociava para a India.

CASIMIRO.

Não conheço.

DOMINGOS GARCIA.

Nem V. S. conhece outra cousa. Pois não ouviu fallar em um negociante Costa muito rico, que fazendo banca rotta, morreu de paixão, só porque um de seus credores disse-lhe que havia erro em uma das sommas do balanço que apresentou ?

CASIMIRO.

Ah ! agora lembro-me. Este rapaz então estava em Olinda.

DOMINGOS GARCIA.

Isso mesmo, e acabou de formar-se, porque os amigos do pai lhe lizerão uma subscrição.

JOÃO DE MORAES.

E hoje o que faz ?

DOMINGOS GARCIA.

Está praticando com um advogado : dizem que é de muito talento, e que não foi, como outros, sómente ás argolas. O doutor com quem elle pratica estima-o tanto, que o tem em sua casa, e dá-lhe quanto precisa.

JOÃO DE MORAES.

(Aparte.) E é por um miseravel pobretão desta ordem que ella me despreza? Malditas sejam todas as mulheres!
(Levanta-se.)

CASIMIRO.

Então não quer a desforra?

JOÃO DE MORAES *(purando uma peça de 20.000 e dando.)*

Não, não estou disposto para jogar.

DOMINGOS GARCIA.

Eu tomarei o seu lugar. *(Assenta-se; e continuão a jogar.)*

JOÃO DE MORAES *(passeando e comigo mesmo, depois de alguma pausa.)*

Sim, uma vez que a possua, que importão os meios? o que os affectos não vencem, póde vencer a astucia, e o mal recalhá sobre a cabeça de quem for d'elle o causador. Elle é pobre, ella não é rica, isto já são duas descobertas, que me podem ser muita proveitosas. Porque ezitar? eia, decisão, mãos á obra: *Vai dirigir-se para a sala, quando apparecem Julio, Ricardo, e Frederico e outros cavalheiros que passeião, e alguns circulão as mesas de jogo.)*

SCENA V.

OS MESMOS, JULIO, RICARDO, FREDERICO, E OUTROS CAVALLEIROS (*a musica tem cessado*), RICARDO (*tem de braço com JULIO*), este deixa-se cahir em um soffá.

JULIO.

Ah ! mon cher. Je suis écrasé de fatigue.

RICARDO.

Pois com pouco te afadigas; apenas quatro contradanças, uma valsa, e uma schottelchz, e já dás parte de fraco ! Não te vás esquecer de que és meu vis-a-vis para a seguinte.

JULIO (*rindo-se.*)

Oh ! descança, que o teu par não é para que eu me esqueça, deuter.

RICARDO (*assentando-se junto delle e batendo-lhe no hombro.*)

Estás perdido pelo anginho de Valongo.

JULIO.

Se assim é, não faço mais do que seguir os teus exemplos.

RICARDO.

Eu, meu caro, fiquei completamente — enfoncé — apresentei o meu requerimento, fei indefrido. . . paciencia ; porém tú estás na graça, deste-lhe no goto, e segundo a

direcção que os negocios vão levando, a cousa cheira-me a casamento ; como não sou egoista, já que não pilhei para mim, desejo que toque a algum meu amigo.

JULIO (*sorrindo-se.*)

Casamento !! casamento ! Então não é mais do que casar ? E depois ? Com que se sustenta mulher e filhos, que é logo o que vem ?

RICARDO.

Homem as tuas circumstancias não são tão más como isso. Estás formado, e segundo ouvi dizer, vão despacharte juiz municipal de Ubatuba.

JULIO.

Em 1.º lugar o despacho ainda está em — veremos, — depois quando o obtenha, o ordenado chega para alguma cousa ?

RICARDO.

Não resumas tanto. Ha emolumentos, e a noiva tem legitima.

JULIO.

Nisso é que te enganas. E' pobre como Job, e a mãe não tem mais que o Montepio, e o meio soldo do marido.

RICARDO.

E ainda sendo assim que importa, se ella é um anjo ?

JULIO (*rindo-se.*)

Maldito ! Serás a serpente da escriptura ? Não me tentes, demonio, que tuas palavras me estão seduzindo, e bem sabes que — quod volumus, facile credimus.

RICARDO.

Nesse caso ponho-me já ao fresco, que não quero que em tempo algum te queixes de mim, se fores infeliz. (*Vai correndo.*)

JOÃO DE MORAES (*chegando-se a Julio.*)

Acabo de saber, Sr. Dr., quem foi o senhor seu pai, e como durante sua vida tive a fortuna de ser um dos seus maiores amigos, venho pedir-lhe a liberdade de respeitar a V. S. como filho de tão honrado homem.

JULIO (*levantando-se com toda a politica.*)

Muito obrigado, meu caro senhor, por sua delicadeza.

JOÃO DE MORAES (*fazendo-o sentar e sentando-se.*)

Não, senhor, repito que fui muito amigo do senhor seu pai, e mereci-lhe muitas finezas e obsequios. Mesmo se alguma cousa hoje possuo, a elle o devo. Já vê portanto que não posso ser por V. S. considerado um estranho, que deve olhar a minha casa como sua, e que se me der occasião de servil-o em alguma cousa, é o mais assignalado favor que me poderá fazer.

JULIO.

Senhor, eu estou na realidade confundido por tantas provas de bondade; posso saber com quem tenho a honra de fallar ?

JOÃO DE MORAES.

Com João de Moraes Saraiva, antigo negociante desta praça. Hoje estou retirado do commercio, e vivo de umas choupanas que possuo. A primeira casa, onde me arranjei, quando vim para o Brasil, foi a do senhor seu pai.

JULIO.

Ah! de ha muito tenho a honra de o conhecer de nome.

JOÃO DE MORAES.

E agora juntará o nome á pessoa.

JULIO.

Se não me engano, ha pouco tempo foi condecorado com uma commenda pelo seu Governo.

JOÃO DE MORAES.

Sim, senhor, fez-me elle essa graça.

JULIO.

Pois Sr. Commendador tenho muito prazer em cultivar suas relações, e desde já me offereço para tudo quanto for de seu serviço.

JOÃO DE MORAES.

Mas que isto não fique em ceremonias: quero a sua amizade, e vou já por-a em prova, pedindo-lhe o obsequio de ir jantar amanhã comigo.

JULIO.

Com muito reconhecimento.

JOÃO DE MORAES.

(*A'parte*). Lancei a primeira pedra.

JULIO.

(*A'parte*). Estes homens hoje são raros! Como é grato à memória de meu pai? (*Toca a musica e os moços vão para a sala do baile.*)

RICARDO (*vindo a Julio.*)

São horas, Julio. Andiamo.

JULIO (*a João de Moraes.*)

Tenho par para essa contradança, e se me dá licença?...

JOÃO DE MORAES (*com bondade.*)

Pois não! vá divertir-se, que é proprio da sua idade.
(*Vão-se. Ouve-se de novo uma quadrilha.*)

JOÃO DE MORAES (*levantado-se.*)

Bem, o negocio toma boa face. Já tenho um ponto de partida, o mais o tempo o fará. Vamos por ora tambem ver dançar. (*Vai-se.*)

SCENA VII.

GASIMIRO (*jogando com Domingos Garcia, e mais algumas pessoas de idade que, durante a scena precedente, tem vindo juntar-se à mesa.*)

DOMINGOS GARCIA.

Com effeito, Sr. Coronel, não vejo boia com V. S., sete partidas a fio! é passar muito!

CORONEL.

Pois não sei como isto acontece, ordinariamente sou infeliz no carté.

DOMINGOS GARCIA.

Eu pelo menos ainda não o vi perder. . . Emfim, vá mais outra. (*Jogão.*)

SCENA VIII.

GERTRUDES (*de braço com o capitão Simplicio.*)

GERTRUDES.

Esta sala está mais fresca, Sr. Capitão, e não ha tanto aperto. Naquelle morre a gente abafada.

CAPITÃO.

Mas ficando V. S. aqui, não disfructa a dança.

GERTRUDES.

Tambem pouco tem que disfructar, as danças de hoje são verdadeiras maçadas, não ha passos, não ha figuras, é um vai para diante e vem para traz, que nenhum interesse offerece.

CAPITÃO.

Comtudo ha algumas moças que tem muita elegancia, e esse pouco que fazem é com bastante graça.

GERTRUDES.

Qual graça? . . . Mesmo ainda, que ellas quizessem, não

podião fazer nada, porque nem ao menos ha lugar para isso. Hoje o grande tom (como por ali se diz) é encher-se a sala de convidados, e estarem os pares como sardinhas em tigella. E então uma madazinha, de voltarem as costas para o par que fica-lhe em frente, e atravessarem andando para traz como os carangueijos? E' uma galentaria bem pouco delicada. No nosso tempo, Sr. Capitão, era que fazia gosto dançar e ver dançar. V. S. não se lembra daquelle baile dado no theatro pelos militares no tempo do Sr. D. Pedro I.; Aposto que já não se recorda, de quem foi meu par na primeira contradança ingleza ?

CAPITÃO (*tando um sorriso.*)

Oh ! se me recordo, bem bom tempo foi esse !

GERTRUDES.

Quem marcou essa contradança foi o major Roque, lembra-se ? que moço bonito, e como dançava bem ! Ainda tenho presente a marca. Era dobrada. Começava por um jassé abaixo, e jassé acima, depois volta com o par cantrario, quatro compassos, e outros quatro com o seu par: em seguida boceta, alamandra, figura de chafariz. . . e currupio : uma linda marca ! Ora quem dançou e vio dançar nessa bella época, não se importa hoje com esses pés de periquitos, que levão todo o tempo em alisar o assoalho.

CAPITÃO,

Creio que se introduzio esta maneira de dançar por ser mais commoda, e menos fatigante.

GERTRUDES.

Qual ? foi para poder faze-lo todo o bicho careta, e muitas vezes pés deste tamanho (*Marca o tamanho.*)

CAPITÃO.

V. S. está hoje muito critica.

GERTRUDES.

Ao contrario, eston muito verdadeira. No meu tempo, perguntava-se a qualquer se sabia dançar, hoje pergunta-se se não quer dançar, porque a dança já não é qualidade de educação, é inherente a quem tem pernas.

CAPITÃO (*sorrindo-se.*)

Ora vamos nós dançar uma contradança?

GERTRUDES.

E pensa que não seria muito capaz? Veja que ... ainda posso passar uma quarta. (*Vai faze-lo, e quasi cahe.*)

CAPITÃO.

Não ensaiemos, não ensaiemos, que pôde molestar-se, antes continuemos o nosso passeio. (*Entrão creados com sorvetes*). Quer um sorvete de creme?

GERTRUDES.

Se me faz favor. (*Tira um sorvete, e vai tomando, e passeando: cessa a musica dentro.*)

SCENA IX.

OS MESMOS E JOÃO DE MORAES.

JOÃO DE MORAES,

Acabou-se a quinta contradança, e não tardará a que

me está promettida. Vejamos o que ella faz. Se ao menos se compadecesse de mim, se ao menos sentisse piedade do meu amor? . . . eu me contentaria com esse sentimento; porém seu coração não se commove, é só para mim de bronze. *(Os jogadores levantão-se e vem para a scena.)*

DOMINGOS GARCIA *(a João de Moraes.)*

Não pude com o homem, passou-me doze partidas sem me dar tempo nem de respirar.

CORONEL.

Com effeito! o Sr. Domingos Garcia estava caipóra esta noite! Ganhei-lhe, não porque tivesse muito jogo; mas porque elle estava de todo ruim.

DOMINGOS GARCIA.

Sim, V. S. não tinha jogo! e no entanto não havia mão em que não tivesse o rei! Desse modo eu tambem queria estar calisto.

CORONEL *(a João de Moraes.)*

Vamos nós agora á sua desforra, Sr. commendador? . . . como já descauçou, talvez que o vento o tenha mudado.

JOÃO DE MORAES *(com mysterio.)*

Nada, daqui a pouco vou dançar, tenho uma contradança promettida. . . e não desejo que meu par me ache em falta.

DOMINGOS GARCIA.

É quem é essa deusa que mereceu-lhe tanta fineza?

JOÃO DE MORAES.

Não seja curioso. . . o senhor a seu tempo o verá.

SCENA X.

MATHILDE *de braço com JULIO, e acompanhada pela VIUVA GONZAGA sua mãe.*

Mathilde vem com um mantelete, paletot ou chale, e capuz, como quem vai sahir, e a mãe traz habitos de quem se retira.)

MATHILDE *(chegando-se para Joao de Moraes.)*

Como minha mãe, por incommodada, não pôde demorar-se por mais tempo, rogo-lhe o obsequio de me dispensar da contradaça, que eu lhe havia promettido.

JOÃO DE MORAES *(com ironia.)*

Muito sinto, que o incommodo da senhora sua mãe me privasse de tão grande honra. Deos queira que não seja nada. *(Comprimenta, e Mathilde vai-se com a mãe, acompanhada por Julio.)*

SCENA XI.

OS MESMOS (*sem Mathilde,*) JULIO E VIUVA
GONZAGA.

(*Gertrudes e o capitão Simplicio estão conversando em um sofá.*)

JOÃO DE MORAES (*a si mesmo.*)

Nem mesmo quiz dançar a sexta para melhor disfarçar sua recusa ! mas não me causou grande surpresa ; porque eu já o esperava : contava com esta desfeita. Este seu proceder tirou-me os ultimos escrupulos : posso agora tudo empregar, e como sou rico, tenho a chave principal para todo o negocio. Um dia virá em que te arrependas, e que chores lagrimas de sangue, sem que ellas te possam valer (*a Julio que volta.*) Anda V. S. n'uma roda viva, Sr. doutor, foi acompanhar uma linda, e agora volta a divertir-se com outras.

JULIO.

Venho buscar o meu chapéo, que são horas de retirar-me ; estou em casa alheia, e por isso não gosto de demorar-me muito, para não abusar, (*á parte*) hindo-se Mathilde, perdeu o baile para mim todo o interesse.

JOÃO DE MORAES.

(*á parte.*) Porque ella se foi, tambem se ausenta. (*Alto.*) Então amanhã o espero sem falta.

JULIO (*apertando a mão.*)

Até amanhã. (*Na porta da sala do baile batem palmas.*)

RICARDO (*á porta do salão.*)

Meu senhores, cutillon, vai dançar-se o cutillon.

GERTRUDES (*levantando-se.*)

Ora vamos a ver o que será o Sr. cutilhão, que não é do meu tempo. (*Todos vão para o salão.*)

JOÃO DE MORAES (*só.*)

São horas tambem de retirar-me, e na solidão do meu quarto pensarei nos meios de levar ao cabo os meus projectos (*a um criado que passa*). Manda chegar o meu carro. (*Vai-se, e ouve-se dentro o cutillon, e cahe o punno.*)

Fim do 1.º acto.



ACTO II.

QUADRO I.

O CENO SE TORBA.

O theatro representa uma sala com moveis de palhinha lizos e simples, no fundo, entre 2 janellas, uma banca de advogado com todo o necessario para escrever, livros, autos, etc. Entre o panno do fundo e a banca uma cadeira de braços, e por detraz da cadeira uma estante com livros.

SCENA I.

JULIO E MATHILDE.

(Julio está assentado á banca escrevendo, e Mathilde está em uma cadeira liza junto à mesa fazendo uma touca de criança. Ambos estão em trajes domesticos. Do lado direito do expectador ha duas portas para o interior, e entre ellas um piano. Do lado esquerdo portas para entradas e entre ellas um sofá.)

JULIO *(levantando-se e vindo para a scena.)*

Emfim, acabei o tal recurso. Veremos se me dão os 300 rs. que pedi, que a fallar a verdade vinhão em muito boa occasião.

MATHILDE *(levantando-se.)*

Olha que se os receberes, quero que me compres uma peça de morim para desmanchar em camisinhas para teu filho.

JULIO (*rindo-se.*)

Com effeito, Mathilde, ainda mesmo não tens toda a certeza de teu estado, e já não te occupas senão do enxeval de teu filho! E se os symptomas forem falsos?

MATHILDE (*com gravioso enfado, levantando-se.*)

Adeus, senhor, a Durocher sabe mais disso do que nós, e ella foi quem em mim notou todos os signaes de maternidade.

JULIO (*rindo-se.*)

Está bom, lá por isso não te enfades: queres ter um filho? serás mãe. Esse teu contentamento, minha rica, é tributo que pagão todas as moças e isadinhas de fresco.

MATHILDE.

Não sei se é ou não tributo, o que desejo é que não se esqueça da peça de morim.

JULIO (*com tristesa.*)

E por ventura tenho-me esquecido do que me lens perdido? Ah! nunca desejei ser rico, nunca me importei com dinheiro senão depois que uni a minha sorte á tua; hoje anheio a opulencia só para cercar-te de fusto e de grandesa, a ti, que desprezando vantajosos casamentos, como o do Dr. Ricardo, do commendador Saraiva, quizes-te dar a mão de esposa a quem no principio de sua vida, nada mais possuia do que um sincero e ardente amor.

MATHILDE (*com muita ternura, deitando a cabeça no hombro de Julio e passando-lhe o braço pelo pescoço.*)

E não estou sufficientemente paga? teus extremos,

tua dedicação não valem todos os thesouros do mundo ? de que me servirão as riquezas, se me visse entregue a um homem que não me comprehendesse ? a um homem por quem sentisse aversão ? (*Separa-se*). Julio, peço-te que para comigo mais não tenhas essa linguagem que me offende. Continua a amar tua Mathilde, e ella será a mulher a mais feliz do mundo.

JULIO (*olhando-a.*)

Que generosidade ! que elevação de sentimentos ! És um anjo ! (*Abraga-a*). Deixa estar, querida Mathilde, talvez que a sorte nem sempre nos seja adversa. Se o governo não quiz, ou não me pôde despachar, algum dia me fará justiça, e procurará então cumprir as suas promessas. Por enquanto o revez, que tenho mais sentido, foi o de perder a amizade do Dr. Aleixo, que tratando-me como filho quasi por espaço de dous annos, retirou-me a sua amizade e despedio-me sem que eu ainda tivesse uma clientella, que me desse para passar. Ha oito mezes que és minha, e quantos sacrificios já não tens tu feito para acudirnos ás nossas precisões ? Todas as tuas poucas joias estão empenhadas, e assim mesmo falta-nos dinheiro para o necessario. Em vão ando pelos cartorios a supplicar aos escrivães que me dêem que fazer, em balde peço aos procuradores que me nomeem em seus pleitos, em pura perda frequento o jury afin de que me encarreguem de alguma defesa. Os escrivães respondem-me que quando as partes os buscão já levão advogados nomeados, os procuradores dizem-me que trabalham com os Drs. Fulanos e Sieranos, e que não podem mudar, e finalmente no jury só defendo presos pobres, menores, ou escravos para quem o juiz de direito me nomeia curador ! No entanto todos dizem que tenho talento, que fallo bem, mas passão-se semanas e mezes que estou sem que fazer, nem 200 rs. ganko por um requerimento.

MATHILDE.

E porque não fazes annuncios bem grandes e cheios de palavras a ver se assim dás na vista? Quanto mais barulho tem um annuncio, tanta mais curiosidade ha em lê-lo.

JULIO.

Sim, o povo leva-se mais pela charlatania do que pelo merito, isso vê-se em todos os paizes, e em todos os tempos; porém para esses annuncios repetidos é preciso muito dinheiro, e como sabes, elle nos falta para o necessario.

MATHILDE.

Pois um annuncio então custa assim tão caro?

JULIO.

Excessivamente caro; e depois não é só a falta de annuncios o que me faz mal. O p. vo julga tudo pelas apparencias. Como poderá ser bom advogado, calcula elle, um pobre moço, que não tem outro escriptorio, se não a sua propria sala de visitas? Que não tem um bello carro, ou um coupé para ir ás audiencias? Que tem em sua casa um corredor vasio de procuradores, e de agentes, moços de feitos, e de recados? E que finalmente faz os despachos com a sua propria letra, sem que ao menos dous escreventes ponhão a limpo em letras garrafaes os doutos arzooados de seu patrono, insigne juriconsulto? Sem todos esses predicados não se faz caso do advogado, alguns juizes mesmo os olhão com indifferença, e até nas audiencias não se rebaixão a contrariar-lhes seus argumentos, contentando-se com um orgulhoso—indeferido.—Se eu ao menos tivesse uma qualidade que me falta? . . . soubesse, ou não. . . seria protegido e feliz; porém a Deos assim não aprouve. . . (*Abaixa a cabeça e fica epsativo.*)

MATHILDE (*parando-o com muita ternura.*)

Está bom, meu Julio, não te vás agora entregar á tristeza e ao desanimo. Ambos estamos moços, e o céu ha de amparar-nos (*Bate a fóra.*)

JULIO. (*a si.*)

Quem será a esta hora? (*Alto.*) Entre quem é.

SCENA II.

OS MESMOS E UM CAIXEIRO (*com um papel.*)

CAIXEIRO.

Sr. Doutor, já com esta são seis vezes que tenho procurado a V. S. e não me tem sido possível encontra-lo. Meu amo manda dizer-lhe que paga a caixeiros, e não é para estarem ás suas ordens; que V. S. deve já quatro mezes de casas, e que quando lh'as alugou foi com a condição de pagar-lhe mensalmente: que assim não lhe convém, e que V. S. póde procurar outra moradia.

JULIO (*dominando-se.*)

Seu amo tem razão. Com effeito, tem havido impontualidade da minha parte, mas asseguro-lhe, que a culpa não provém de mim. Tenha a bondade de dizer a seu amo, que por estes dias arranjarei dinheiro, e elle será pago.

CAIXEIRO.

Nada, elle já não come caraminholas. Deu ordem para que eu não sahisse daqui sem dinheiro.

JULIO *(dominando-se cada vez mais.)*

Porém se não o tenho agora, como quer que lh'o dê?
E' - me preciso tempo para arranjal-o.

CAIXEIRO.

Tempo tem tido de sobejo, e não volto cá para me
dizerem, como costumão, que V. S. sahio.

JULIO.

Quando dizem que não estou, é porque na realidade tenho
sahido. . . . Diga por tanto a seu amo. . . .

CAIXEIRO.

Meu amo disse é que não toma nada: quer dinheiro, que
já não está para ouvir promessas.

JULIO *(mostrando-se mais afflicto.)*

Para que é teimoso? Já não lhe disse o que tinha a dizer?

CAIXEIRO.

Disse, porém ainda não pagou, e eu quero dinheiro
(levantando a voz), quero dinheiro, e não saíio daqui sem
levar dinheiro. *(Vai assentar-se n'um sofá.)*

JULIO *(pegando em uma cadeira, vai sobre elle.)*

Insolente! ponha-se já no meio da rua. . . .

MATHILDE *(segurando-o.)*

Julio! socega. *(O caixeiro foye.)*

SCENA III.

JULIO E MATHILDE.

JULIO (*depondo a cadeira muito encolerizado.*)

Canalha! Assentão, que, como lhe devemos, tem o direito de cuspir-nos nas faces toda a sorte de injurias! Peção o que é seu. . . obriguem-nos a pagar. . . levem quanto nos pertence; porém respeitem-nos.

MATHILDE.

Porque te affliges com as palavras indiscretas de um grosseiro?

JULIO.

Não são palavras indiscretas, é essa a linguagem de certa gente. Os verdadeiros negociantes, sejam de que nação fôr, pedem o que se lhes deve, e applicão todos os meios decentes para haver o seu pagamento; porém lia nesta cidade um pugillo de piratas, que, como são capazes de commetter toda a sorte de infamias, julgão os mais por si, e não concedem, que hajão embarços, impossibilidades a par dos maiores desejos. Não te lembras daquelle caixeirinho do Taborim, que por vir cobrar por tres vezes o importe do teu vestido preto, na ultima escreveu com giz na parede do corredor a palavra. . . Bilhaco? . . .

SCENA IV.

OS MESMOS E A VIUVA GONZAGA.

VIUVA GONZAGA.

Fui fazer uma visita e não quiz recolher-me sem passar por aqui.

MATHILDE (*correndo à mãe, e beijando-lhe a mão. Julio faz o mesmo.*)

Fez muito bem minha mãe, que eu já estava com saudades suas. Onde foi tão casquilha?

VIUVA GONZAGA.

Fui visitar a filha do José Domingos, e dar-lhe os parabens pelo seu casamento. Que casamentão fez ella? O marido é dono daquellas grandes casas das Lorangeiras, e tem 80 apolices. Foi uma extraordinaria felicidade para a menina, que não tinha nada de seu.

JULIO (*à parte, triste.*)

A linguagem desta é a de todos... foi feliz porque o marido é rico.

VIUVA GONZAGA.

Vocês não os visitão?

JULIO.

Não, senhora, não tive nos parte do casamento.

VIUVA GONZAGA (*assestando-se.*)

Homem, pois isso admira-me! Dando-se a familia tanto comigo, não sei como não mandou participação.

JULIO.

... Estou desintelligente com o genro do Sr. José Domingos e por isso não esperava delle outro procedimento.

VIUVA GONZAGA.

Tambem o senhor anda sempre brigando com todo o mundo. Dessa maneira ha de a vir ter muitos inimigos.

JULIO.

Eu não brigo com pessoa alguma, senhora. Esse individuo em um baile disse grosserias a sua filha, porque não pôde dançar com elle, visto já ter par, e eu não podia deixar de repelil-as.

VIUVA GONZAGA.

Isso não é natural, que elle parece-me um moço bem educado.

JULIO (*com ironia.*)

E não ha duvida. Teve a mais brilhante educação, vendendo vigessimos pelas ruas: e porque tirou duas vezes a sorte grande, e hoje está rico, tudo nelle são gentilezas! Não sei até como não lhe concedem instrução, e o fazem um dos sabios da Grecia! O peor, senhora, é que a maior parte do mundo pensa assim.

V. UVA GONZAGA.

E pensa muito bem : o principal talento consiste em adquirir fortuna para depois ter-se todos os commodos da vida. Ao senhor de que tem servido todo o seu saber ? Minha filha, se quer ter uma camisinha para o seu filho, está pregada na almofada dia e noite.

MATHELDE.

Minha mãe ! veja que o está amofinando !

V. UVA GONZAGA.

Amofinada tambem eu ando, e ninguem tem pena de mim (*á filha*). Quando penso que hoje podias nadar em oiro, e que te vês obrigada a trabalhar como uma negra, tenho vontade de morrer.

JULIO (*á parte*).

Oh ! meu Deos ! quantas humilhações ? E sem ao menos poder-lhe responder !

MATHELDE.

Minha mãe, p'r tudo quanto ha lhe peça, que não lance em rosto a meu marido aquillo de que elle não tem culpa. Se em meu casamento houvesse infelicidade, eu seria a unica competente para queixar-me, no entanto cada vez mais agradeço a sorte que me fez sua esposa.

V. UVA GONZAGA.

Ora a Deos ! essa cantilena é de todas em quanto estão na lua de mel ; porém depois verás o que é bom ; enfim como assim o quizeste, assim o tens. Eu bem te abri os olhos ; em tempo algum te has de queixar de mim com razão.

MATHILDE (*um tanto a nofnada.*)

Quando me queixar então me censure, mas por ora só bem digo a divina inspiração que tive de aceitar por esposo o mais nobre e o melhor dos homens. (*Abraga-o.*)

JULIO.

Ah senhora! feliz e bem feliz seria o mundo se todos pensassem como este anjo? (*Abraga a Mathilde.*)

VIUVA GONZAGA.

Sim, porque lhe faz conta. Mas diz-me cá, Mathilde, e foi a isso que vim. Vais amanhã ao Cassino? Se vais, diz-o com tempo para vir-te buscar.

MATHILDE.

Encommodada, como ando, é-me impossível.

VIUVA GONZAGA.

Qual impossível? Se andas doente é por estares sempre mettida em casa. Quando pretendes divertir-te? depois de velha? depois de carregada de filhos? Vai ao baile, digote eu, e aproveita ao menos em quanto estou viva, que depois de minha morte, sabe Deos o que será.

JULIO.

Eu espero que ella possa ir ao baile, e por tanto se nos quizer fazer o favor de passar por aqui, aproveitar-nos-hemos de sua companhia.

VIUVA GONZAGA.

Ainda bem; pois então amanhã ás 8 horas cá estou. Adeos, minha filha, Deos tenha piedade de ti. Sr. Doutor, boa noite.

MATHILDE.

Até amanhã, minha mãe.

JULIO.

Muito boa noite, minha senhora. (*Acompanhar-a até à escada.*)

SCENA V.

JULIO E MATHILDE

MATHILDE.

Para que foste prometter que eu ia ao baile? Não sabes, que ella quer que leve sempre as minhas joias, e que, não vendo-as, começarão as perguntas, e dahi toda a casta de supposições e conjecturas? Antes mil vezes me deixasses dizer, que não ia por estar doente.

JULIO.

Não me lembrei na realidade desse terrivel obstaculo. Levado pela idéa de te distrahir por alguns momentos, accitei com prazer o convite de tua mãe. Para desdizer-me agora fará novas indagações, e bem sabes como para estas cousas é ella atilada, e o resultado será todo em nosso desfavor. O que resolverei? O mesmo mundo se deslembra de quem não apparece, e um advogado principiante, no estado em que se acha o nesso Fôre, quasi que tem necessidade de metter-se á cara para ser lembrado. Para remir as tuas joias, se eu pedesse... ah!... estamos salvos. O homem que me emprestou dinheiro sobre os teus brincos e alfinete, tambem desconta sobre pianos. Talvez que elle queira trocar um objecto por outro, e como aiada são heras, vou já desenganar-me.

MATHILDE.

E hei de ficar só?

JULIO.

É por um instante. Elle mora aqui mesmo no largo da Carioca. Em cinco minutos estarei de volta. Dá-me o meu chapéo (*Mathilde vai buscá-lo. Julio passeando*). A quantas misérias e privações nos levão os prejuizos e preconceitos do mundo! ? Se eu não fosse formado em direito, se não possuisse um pergaminho de doutor, não passaria pelas necessidades, que hei soffrido! robusto, como sou de natureza, a qualquer trabalho ou genero de industria me afoitaria, e quando não chegasse a ter todos os gozos, não me veria cercado de privações. Seria caixiro, feitor, aguasil, quadrilheiro, seria tudo, porque nenhuma profissão avilta o homem, porém graduado em jurisprudencia, os meus collegas levados pelo pondunor, me apontarião, como a escoria, como o labéo de sua classe; no entanto o que me ha dado o meu titulo? as vigílias por que tenho passado? o estudo aturado, que tenho feito? nada. Até hoje tenho empregado todos os meios, e para a triste alimentação de minha familia, forçoso me tem sido, ou empenhar ou vender por menos de metade os prorios ornatos desse anjo, que Deos me concedeu por companheira, unicos fructos das economias de sua mãe.

MATHILDE (*vollando.*)

Aqui está o chapéo, peço-te que voltes breve, pois bem sabes, que quando estou só, fico com muito medo.

JULIO.

Sim, não me demorarei. Adeos até já. (*Vai-se.*)

MATHILDE.

Até já. (*Acompanha-o á escada, e dá-lhe um beijo na testa.*)

SCENA VI.

MATHILDE (*só, voltando uma criada, traz uma vela.*)

Ninguém pôde calcular o esforço, que faço para em presença d'elle parecer alegre, porque meu coração contristado não pôde ser indifferente á nossa horrorosa actualidade. Pobre Julio! de sentimentos tão elevados, de espirito tão subido, de tanto saber e erudição, como todos o confessão, atirado para um canto, sem poder nem ao menos ganhar para as communs precisões da vida! Em balde tem procurado um despacho, não o tem podido conseguir, e sem estar conhecido, sem ter ou decorrido muito tempo, ou então ter por elle passado alguma circumstancia extraordinaria, não poderá conseguir uma boa clientella. Quando vejo por ali alguns com bulas falsas, que se gabão de fazer tantos e quantos, que ostentão um luxo e magnificencia a lei da nobresa, que tem carros, camarotes effectivos e chacaras, etc., chego quasi a duvidar da bondade divina, é só a creença mais robusta, de que Deos nes experimenta, tem feito com que a minha razão não se tenha desvairado. Enfim todos vem ao mundo com o seu programma, o meu será o de soffrer, preenchel-o-hei com a resignação de uma verdadeira christã.

JOÃO DE MORAES (*fóra.*)

Dá licença, minha atilhada.

MATHILDE.

Entre, meu padrinho.

SCENA VII.

A MESMA E JOÃO DE MORAES.

JOÃO DE MORAES.

Que é isto? tão sósinha! Que é do meu afilhado?

MATHILDE.

Elle... sahio... mas não póde tardar.

JOÃO DE MORAES.

A esta hora!... terá alguma defesa?

MATHILDE.

Não senhor... foi a negocio ao largo da Carioca, e já volta.

JOÃO DE MORAES.

Um!!! Não gosto muito destes negocios. Um homem casado e que ainda não há um anno, com uma deosa... com uma precisidade... como é a minha afilhada (*procura pegar-lhe na mão e Mathilde evita sem dar a perceber*), não deve nem um instante sahir do seu lado. Quem sabe se elle já anda com o juizo virado? Estes doutoresinhos da moda, são tão volaveis, tão inconstantes, que eu não posso suppôr, que o afilhado seja a excepção de regra. Se elle tivesse já uma idade de prudencia, como a minha, por exemplo, então duvidar d'elle seria uma injuria; porque o verdadeiro amor, a dedicação, a idolatria só vem depois dos 40. Tudo o mais são fugaxes que com o vento desapparecem.

MATHILDE.

O senhor é injusto para com meu marido, e certamente não o conhece bem. Quando mesmo eu não lhe pagasse amor com amor, o cumprimento de seus deveres seria uma barreira de bronze a qualquer desvario.

JOÃO DE MORAES.

Coitadinha! o tempo é que a ha de convencer. Todos os maridos, minha filha, juntos das mulheres são umas pombas sem fel, mas logo que se apartão de seu lado, só quando não podem é que não fazem das suas. O seu não ha de ser melhor do que os outros, e nem cahio do céu por descuido.

MATHILDE.

Não vejo razão para que o senhor procure em meu animo desconceituar meu marido. Tenho notado mesmo, que todas as vezes, que comigo delle falla, é sempre essa a sua linguagem. Pois, senhor, de hoje em diante lhe peço, que se me estima, seja máo ou bom o meu marido, fiel ou infiel, bem comportado ou mal conduzido, nunca delle diga uma só palavra que possa ferir o conceito em que o tenho, do contrario ver-me-hei na triste obrigação de não lhe apparecer, ou de não fallar-lhe.

JOÃO DE MORAES (*com ironia.*)

E fará muito bem. Ponha-se mal com todas as pessoas que a estimão e que pela senhora se interessão, desfeiteie a todos, que algum dia lhe achará o fructo.

MATHILDE.

Eu não o desfeiteiei... só não quero que falle de meu marido.

JOÃO DE MORAES.

Mas tudo isto é por interesse de ambos.

MATHILDE.

Agradeço-lhe

JOÃO DE MORAES.

Bem, bem, mudemos de conversa. Já sei (que ainda ha pouco me disse sua mãe) que amanhã vai ao baile do Casino. Para que lá se apresente bem casquilha, trago-lhe aqui um pequeno signal da minha amizade. Um padrinho é um parente, e por isso estou no direito de exigir, que a minha offerta não seja recusada. Eil-a (*tirando do bolso uma caixinha com joias*), foi comprada esta tarde, das ultimas que chegarão á casa de M.^{me} Berard. Que lhe parece!

MATHILDE (*olhando com indifferença.*)

Que está muito rica e de muito bom gosto.

JOÃO DE MORAES.

E que lhe ha de ficar ás mil maravilhas. Guarde-a, e não quero que me agradeça.

MATHILDE.

Sou-lhe infinitamente grata, senhor; mas não accito nem ser em presença de meu marido.

JOÃO DE MORAES.

Pois não sabe, que sou seu padrinho, que não sou um estranho?

MATHILDE.

Tudo sei ; mas sem que meu marido venha, não ficarei com ella

JOÃO DE MORAES (*fugindo-se enfadado.*)

Não esperava de minha afilhada uma semelhante recusa.
(*Vai assentar-se ao lado da scena.*)

SCENA VIII.

OS MESMOS E JULIO.

JULIO (*entrando sem ver João de Moraes.*)

O homem não quer, Mathilde, diz que os brilhantes. . . .
(*Mathilde aponta-lhe para João Moraes.*) Ah! Sr. Comendador, perdoe-me que não o tinha visto: por aqui a estas horas?! não o esperavamos.

JOÃO DE MORAES.

Encontrei na rua do Ouvidor sua sogra, e como ella me disse que a afilhada ia ao Cassino, trouxe-lhe uma insignificancia para ella levar, é uma cousinha de gosto. (*Mostra a Julio.*)

JULIO (*vendo.*)

De gosto e de riqueza, e que certamente lhe custaria muito caro.

JOÃO DE MORAES.

Nunca tanto, que possa ser digna da afilhada.

JULIO.

Sua bondade é infinita, e cada vez se torna mais credor da nossa eterna gratidão; toma, Mathilde, e beija a mão de teu padrinho por tão magnifico presente.

MATHILDE (*com os olhos baixos.*)

Muito obrigado, senhor.

JOÃO DE MORAES (*á parte.*)

Nem as joias a seduzem! (*Alto.*) Ora muito bem, uma vez que já os vi, e que sei que logrão saude, retiro-me, que inda tenho que dar umas voltas. Amanhã espero vê-los no baile. Até amanhã, minha afilhada. (*Mathilde faz-lhe uma misura*). Afilhado, adeos. (*Vai-se.*)

JULIO.

Boa noite, Sr. Commendador, (*Julio vai acompanhá-lo á escada.*)

SCENA IX.

JULIO E MATHILDE.

MATHILDE (*á parte.*)

Este homem foi uma testemunha do meu casamento: Julio fórma delle muito bom conceito; mas eu não posso explicar a antipathia, que por elle sinto. Nunca será fácil esquecer-me da côrte assidua que elle me fazia, quando eu ainda estava solteira.

JULIO (*voltando.*)

Então já sabes, Mathilde, que o homem não quer a troca, porque diz que os brilhantes valem muito mais? Quando os levei, crão pequenos, falhados, tinham jaça. . . e nada valião: hoje valem muito, e são excellentes! que contradicção! Agora mais que nunca não sei como hei de sahir de tão forte embaraço. (*Mathilde aponta para a caixa de joias.*) Que queres dizer com isto?

MATHILDE.

Que as leves. Remirás com ellas as outras, e se poderes, toma mais dinheiro, no caso de precisares.

JULIO.

E tu então não as queres pôr?! Que dirá teu padrinho, quando amanhã não as vir?

MATHILDE.

Dar-lhe-hei uma desculpa. Não ezites. Leva-as, ou antes vende-as, se com isso julgas evitar alguns dissabores.

JULIO.

Oh! alma generosa! Só no céo existem entes que possam ser comparados a ti. (*Abraça-a.*)

A CREADA (*que appareceu no bastedor.*)

O chá está na mesa

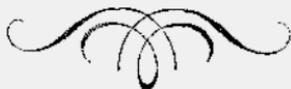
MATHILDE.

Vem tomar chá, que ainda quero acabar a touquinha do
nosso filho.

JULIO.

Vamos. *(Passa-lhe o braço pelo pescoço e vão-se.)*

Fim do 1.º quadro do IIº acto.



QUADRO II.

JORNADAS ESTUDANTAS.

O theatro representa uma sala semelhante a um escriptorio mercantil. Do lado direito do expectador está uma mesa com uma balança: no fundo desse mesmo lado com frente ao expectador um grande armario chapeado de ferro, o que abrindo-se, deve mostrar uma grande quantidade de joias, bulas, salvas, castiças, e mais objectos de prata, relogios, etc. Do lado esquerdo ver-se-hão peças de panno de diversas qualidades, pianos moveis grupados uns sobre outros, e em desordem. No fundo haverão tres quartinhos abertos de sorte que o expectador possa ver quem nelles entra. Do lado esquerdo haverá uma escrevaninha com livros, e o preciso para escrever. Do lado direito ha uma porta para o interior. Do esquerdo outra entrada particular. A entrada geral é por entre quartinhos do fundo. O dia começa.

SCENA I.

FAGUNDES (só.)

(Vem da direita do espectador esfregando os olhos e espreguçando-se, como quem acaba de dormir.)

Que vida! ou antes que inferno! por mais tarde que me deite, por mais que deseje passar na cama a madrugada, os meus negocios não m'o permiitem. Apenas rompe o dia é preciso pôr-me á testa de minhas transacções (que só eu me entendo com ellas) e socorrer a humanidade afflicta, tirando-a de seus mais serios embaraços. Se aqui não estiver a pé quedo, o que será da consternada viuva, que tem precisão de dinheiro para fazer o seu inventario? O que não acontecerá ao pobre estudante, que carece de alguma

somma para presentear a sua primeira namorada? Quem valerá ao filho familia, que vê-se na urgencia de alguns bilhetes para seus honestos passatempos? Quem acudirá ao negociante, que tem de pagar uma letra, e não acha quem desconte a sua firma? Quem finalmente estenderá mão piedosa aos escravos que procurão ajuntar o valor de sua liberdade? Ninguém certamente, a não ser eu. Esse Monte do Socorro que nesta cidade existe, é de bem pouco proveito. Aberto sómente em certas e determinadas horas, fechado sempre nos domingos e dias de guarda, deixa muitas vezes em apertos os necessitados, que mal delles, se eu não fôra. Verdade seja que semelhante associação levada talvez pelo espirito de inveja e para derrubar-me, estabeleceu o insuliciente premio de um por cento sobre o dinheiro que adianta: mas que trabalho tem ella? Seus empregados são fidalgos que só abrem o estabelecimento durante 4 horas no dia. Eu, se levo cinco por cento, é porque estou aqui preso ao cepo, e graças a Deos não me faltão freguezes. E ainda ha quem me maldiga? quem me comprometta com a policia? Ingratos! que desconhecem a sua Providencia!

SCENA II.

O MESMO E VALENTIM (*vindo de dentro.*)

FAGUNDES.

Com effeito, Sr. Valentim, pensei que hoje não queria accordar. Ha uma boa hora que rompeu o dia.

VALENTIM.

Isto me não acontece sempre, e Vmc. bem sabe que hontem trabalhei até 2 horas da noite para descravar aquelles brilhantes. . . .

FAGUNDES (*interrompendo-o.*)

Está bem : ninguém lhe perguntou por isso. Vamos pôr a casa em ordem, que são horas de vir gente. Enquanto andarão as saídas hontem ?

VALENTIM (*vendo um dos livros.*)

Em vinte dous contos e trezentos mil réis.

FAGUNDES.

Ora vejão quanto dinheiro me sahio de casa, e para que ? para ganhar uma tuta mea !

VALENTIM.

Da caixa apenas sahião dous contos e trezentos mil réis, que os vinte vierão do Monte do Socorro a um por cento, e tendo-os Vm. dado a quatro, ainda ganha trez sem trabalho nem risco.

FAGUNDES.

Quem lhe perguntou quantos annos tinha ? Vm. está me ficando muito linguarudo, e se não pozer cotho as suas indiscripções, hei de mandal-o para o meio da rua. Aposto eu que já foi dar a taramella ácerca do adereço que comprei ao baleiro da viscondessa de Itapú ?

VALENTIM.

A quem podia eu dizer semelhante cousa, se os estive descravando até esta madrugada, e depois disso ainda não sahi ?

FAGUNDES.

Pois tomæ sentido. Nem palavra a tal respeito. Não a

porque julgue o negocio ilicito; mas sim porque não quero que pessoa alguma saiba das transaccões da minha casa. Demais — pagucio pelo seu justo valor.

VALENTIM.

Como! tão bellas pedras só valem duzentos mil réis! Eu os avaliava em trez contos.

FAGUNDES.

Vai, não entende diabo. Se por elles offenesse a mais, julga que o preto me procuraria? Não sou eu tão bonito; a peixinha seria para outro. *A parte particular.* Ha muito que nao faço tão bom negocio, e por entello mandei desmanchar tudo, que no caso de descalhar-se não encontrarão corpo de delicto. *Batem ferro.* Vá abrir a porta.

Valentim sahe por um dos quartos do fardo, e de lá a peca rolla com uma mulher de ruy no rosto.

SCENA III.

OS MESMOS e D. GENEZ.

D. GENEZ.

Muito bons dias, Sr. Fagundes.

FAGUNDES.

Deus a guarde, minha senhora, queira sentar-se *de-lle um momento*, o que a traz por cá?

D. GENEZ.

Sr. Fagundes, aqui se cria o esta é a parte da minha casa

que tinha está fugida, não tenho quem me sirva, e até minha pequena tem deixado de ir ao collegio por nos faltar dinheiro. Como devemos cinco mezes de alugueis da casa, hoje o senhorio, sem consideração ao nosso estado, sem attender a que durante quatorze annos, que temos habitado seu predio, jámais deixámos de pagar-lhe pontualmente, mandou-nos fazer nua penhora, e lá ficarão os meirinhos renitentes, que não se movem, nem aos meus rogos, nem ás minhas lagrimas. Uma das minhas vizinhas foi quem por inspiração do céo me ensinou a sua casa, e eu venho valer-me de sua alma compassiva.

VALENTIM (*á parte.*)

Pobre mulher!

FAGUNDES (*com muito bom modo.*)

E fez muito bem, minha senhora ~~em~~procurar-me, porque eu nunca deixei de soccorrer ao meu semelhante naquillo que posso, porém bem sabe que sobre mim peza uma grande responsabilidade: que devo, e que é preciso ter garantias para responder aos meus credores. Aqui empresto dinheiro por um premio razoavel; mas sempre sobre objectos de valor. O que é que traz?

D. IGNEZ.

Tudo o que contém esta caixinha. E' um par de brincos de brilhantes, e umas pulseiras de ouro.

FAGUNDES (*examinando a caixa.*)

E de que quantia necessita?

D. IGNEZ.

De trezentos mil réis. Que é para pagar a casa, e para outros arranjos.

FAGUNDES.

Isso é muito. Tanto não valem as suas joias.

D. IGNEZ.

Como, senhor?! se os brincos só custarão quatrocentos mil réis!

FAGUNDES.

Não duvido; porém isto comprado em casa dos ourives é outra cousa. Vá a senhora vendê-los hoje, e verá quanto lhe offerecem. Eu por melhor vontade, que tenha, não lhe posso dar sobre tudo mais de duzentos mil réis.

D. IGNEZ.

Oh! meu Deus! isso não me chega. Senhor, tenha compaixão de mim, olhe para as minhas lagrimas, tire-me deste cruel transe.

FAGUNDES.

Sim, porém que quer? Desejará o meu prejuizo? (*Examinando as joias.*)

D. IGNEZ.

Veja que por muito baixo, que se vendão, valem muito mais.

FAGUNDES.

Os brilhantes agora não dão cousa nenhuma. . . e estes não são de boa qualidade. . . mas emfia para que a senhora não diga que eu tenho máo coração, vou dar-lhe mais vinte mil réis. Agora esta satisfeita?

D. IGNEZ.

Que lhe hei de fazer, meu senhor, se não ha outro remedio?

FAGUNDES (a *Valentim*.)

Passa a cautella por duzentos e vinte mil réis. A senhora sabe que tenho de descontar um pequeno juro?

D. IGNEZ.

E de quanto?

FAGUNDES.

Bagatella. Onze mil réis por um mez, que é por quanto tempo lhe empresto o dinheiro.

D. IGNEZ.

Vallia-me Deos! Ainda mais esta!

FAGUNDES.

Tenha paciência. Nem tudo pôde ser á nossa vontade e aos nossos desejos.

VALENTIM.

Está prompta a cautella.

FAGUNDES.

Agora assigne ali o seu nome, que eu lhe vou trazer o dinheiro. D. Ignéz vai assignar, Fagundes a cautella, e tira bilhetes, voltando diz á mulher, que se não esquecer de assignar. Agora, se quando findar o tempo do juro, não pagar, fraga o juro, que lhe reformo.

D. IGNEZ (*recebendo o dinheiro.*)

Sim, senhor ; passe muito bem. (*Vai-se.*)

VALENTIM (*aparte.*)

Cecitada ! que afflicção se pintava em seu rosto !

FAGUNDES (*voltando de acompanhar D. Iquez.*)

O negocio foi soffrivel. Esta cá não volta, e portanto dei duzentos e nove mil réis pelo que vale seguramente quatrocentos (*batem na porta da esquerda*). Olá ! quem será que por aqui me procura ? (*a Valentim*). Abra.

SCENA IV.

OS MESMOS E JOÃO DE MORAES.

JOÃO DE MORAES (*entrando.*)

Bons dias, Sr. Fagundes.

FAGUNDES.

Muito bons dias, Sr. Commendador, como passou V. S.?

JOÃO DE MORAES.

Vamos andando.

FAGUNDES (*dando-lhe uma cadeira.*)

Aqui está uma cadeira, faça o obsequio de assentar-se.

JOÃO DE MORAES.

Não, que estou com muita pressa. Diga-me, o homem tem apparecido?

FAGUNDES.

Ainda hontem cá esteve.

JOÃO DE MORAES.

Hontem! E para que?

FAGUNDES.

Disse-me que tinha de ir hoje com a senhora a alguma parte, e queria por isso que eu lhe entregasse as jóias, deixando o péau de pealhor.

JOÃO DE MORAES,

E Venc. não quiz?

FAGUNDES.

Nada, que não me fazia conta.

JOÃO DE MORAES (*mo-tranço-se algum tanto zangado.*)

Pois fez mal (*A parte*). Vinha buscar as jóias para ir ao baile. Isto o obrigaria a fazer n'vas despezas, e a apressar a sua completa ruina, que é todo o meu desejo. *Alto.* Sr. Fagundes, se elle ainda voltar, faça qualquer negocio, que assim convém aos meus particulares interesses, ainda mesmo que não se tire lucro. Tudo quando for facilitado—lhe clinheiro, o deverá fazer. Bastará que simplesmente deixe o

equivalente do que levar, sendo sufficientes os altos preços para a sua indemnisação. Se os proprios vestidos da mulher quizer empenhar, aceite-os.

FAGUNDES.

Bem: deixe estar V. S., que farei quanto me ordena (*Batem dentro*). Vá ver quem é (*a Valentim, que vai, e volta logo.*)

VALENTIM.

É o moço do piano de hontem á noite.

FAGUNDES (*a João de Moraes.*)

É elle.

JOÃO DE MORAES (*afflicto.*)

Que não me veja, esconda-me em alguma parte.

FAGUNDES.

Só se V. S. quer ir para algum destes quartos (*Aponta para os do fundo*). Ali não o verá.

JOÃO DE MORAES.

Seja para onde fór, o que quero é occultar-me.

FAGUNDES.

Então venha (*Leva a João de Moraes para o ultimo quartoinho da direita do espectador e deixa-o; depois, voltando, diz a Valentim*). Mande-o entrar (*Valentim o faz entrar.*)

SCENA IV.

OS MESMOS, E O DR. JULIO.

JULIO (*entrando muito acanhado.*)

Bons dias, Sr. Fagundes.

FAGUNDES.

Muito bons dias, meu senhor. Já sei que vem outra vez
villar-me no negocio do piano. Pois eu dormi no caso, e
hoje estou disposto a servi-lo.

JULIO.

Muito obrigado, já não é preciso. Trago-lhe aqui um
outro objecto de valor para deixa-lo em troca das joias.

FAGUNDES.

Vejamos (*Julio tira a caixinha que deu João de Moraes
e entrega-a*). Ah! isto sim, isto vale as outras cousas, se
me houvesse trazido isto logo hontem, já estava servido.

JULIO.

Porém eu precisava ainda de mais dinheiro.

FAGUNDES.

Oh! não seja exigente! por eu dizer-lhe que o seu
adereço valia as suas joias, não vá suppôr que tem aqui
uma fortuna.

JULIO.

Não senhor, mas se vê, que lhe é possível adiantar-me mais alguma somma, na occasião era grande favor.

FAGUNDES.

Enfim. . . de quanto ha de precisar ?

JULIO.

De cem mil réis !

FAGUNDES.

Misericordia ! Cem mil réis, quasi que não vale a peça. Assim, meu caro senhor, parece-me que não temos leito nada. Eu julguei que a differença fosse abi de uns dez ou vinte mil réis ; porém de cem ! Nem fallemos nisso.

JULIO (*com ares de resignado.*)

Nesse caso faça o que quizer, a tudo me sugueto.

FAGUNDES.

Assim vamos bem: vou dar-lhe um bi'hete de 20 ; e note, que é por ser no senhor. (*Toma a cautella de Julio, que se assenta triste á direita do actor ; e Fagundes vai ao armario buscar as joias e o dinheiro, mas ao passar pelo quarto em que está João de Moraes, pára a chamado delle.*)

JOÃO DE MORAES (*baixo a Fagundes.*)

Dê-lhe toda a quantia que pede.

FAGUNDES.

Mas. . . senhor.

JOÃO DE MORAES.

Dê-lhe que . . . o exijo (*Fagundes suspira, vai ao armário, tira as jóias e o dinheiro, e volta então.*)

FAGUNDES (*à parte.*)

Este commendador quer deitar-me a perder, porém como os fundos do negocio são d'elle, não posso replicar (*Alto a Julio*). Não quero que o senhor se entristeça por tão pouco. Seu adereço não vale esta quantia; mas estou certo, que V. S. me pagará qualquer differença que haja contra mim. Aqui tem as suas jóias, e o resto do dinheiro. Passe a cautella.

JULIO.

Obrigado, senhor, mil vezes obrigado (*vai á mesa e assigna a cautella, que Valentim passa: depois voltando a Fagundes*). Srhe-hei eternamente grato (*A parte*). Que prazer vou eu dar á minha pobre Mathilde! (*Vai-se.*)

FAGUNDES (*à parte.*)

O dia hoje começou bem; porém vai-se tornando máo.

SCENA V.

OS MESMOS EXCEPTO JULIO.

JOÃO DE MORAES.

Eu já não lhe havia dito que facilitasse qualquer transacção com este moço? porque motivo lhe queria negar o dinheiro? Se eu não estivesse presente, não seriam cumpridas as minha ordens.

FAGUNDES.

Sim, mas era porque o objecto não valia a somma exigida. Ora eu vou buscar, para que V. S. por si mesmo o veja.

JOÃO DE MORAES.

Não preciso; sei o que é, e até quanto custou. Recomendo-lhe de novo, e muito positivamente, que de qualquer transacção que elle lhe venha propôr, seja de que natureza lôr, me mande logo dar parte.

FAGUNDES.

Fique V. S. descansado, que farei como me ordena.

JOÃO DE MORAES.

Muito bem. Talvez que ainda logo passe por aqui. *Vai-se por onde veio*). Adeus.

FAGUNDES.

Criado de V. S. (*Acompanha-o até à porta: depois voltando diz*). Sr. Valentim, eu vou almoçar. Se alguém vier, que me espere; porém se fôr negocio grande, va chamar-me, que para ganhar dinheiro todo o tempo é pouco. *Vai-se pela esquerda do actor.*)

SCENA VI.

VALENTIM (*só, vindo para a scena.*)

Por mais que tenha procurado customar-me a esta casa, não me tem sido possível. Minha natureza, minha educação

repugnao inteiramente com tudo quanto aqui observo. Este homem dotado de uma excessiva avareza não recua diante de meio algum, quando se trata de augmentar sua sordida fortuna. As lagrimas da viuva, os rogos do pai afflicto, os pedidos do honrado e velho militar são para elle harmoniosos sons que deleitão seus ouvidos : em seu coração de pedra, nem a mais ligeira emoção produzem. Se esse pouco, que tenho, não estivesse envolvido nas transacções da casa, se estivesse liquidado, eu já me tinha despedido, até porque receio-me de vir para o futuro a ficar tão insensivel, como seu dono.

SCENA VII.

O MESMO e UM CAIXEIRO (com 3 peças de irlanda de-
baixo do brao. O caixeiro é o mesmo do V. Acto.)

CAIXEIRO (entrando.)

O Sr. Fagundes nao está !

VALENTIM.

O que lhe queria ?

CAIXEIRO.

Uma quantia sobre estas peças de irlanda.

VALENTIM.

Esperre alli, que elle está almoçando, e já vem. (O caixeiro vai para o 1.º quarto da esquerda)

SCENA VIII.

OS MESMOS E UM ESTUDANTE *(com livros debaixo do braço.)*

O ESTUDANTE.

O senhor, é que é o Sr. Fagundes?

VALENTIM.

Não senhor, sou seu caixeiro.

ESTUDANTE.

Elle sahio ?

VALENTIM.

Está lá dentro, queria-lhe alguma cousa ?

ESTUDANTE.

Queria que me emprestasse um dinheiro sobre este relogio. *(Mostra.)*

VALENTIM.

Espere naquelle quarto, que elle já vem. *(O estudante vai para o 2.º quarto.)*

VALENTIM *(á parte.)*

Estão-se engaiolando as pobres victimas, para depois o lobo devora-las a seu commodo.

SCENA IX.

OS MESMOS E UMA MULHER DE MANTILHA.

MULHER.

Deos lhe dê muito bons dias, meu senhor, como está Vmc. ?

VALENTIM.

Bom, muito obrigado.

MULHER.

Meu senhor, faz-me o obsequio de dizer se o Sr. Fagundes está em casa ?

VALENTIM.

Está, sim senhora, queria fallar com elle ?

MULHER.

Pois não ? O homem da venda do canto me está apertando pelo que lhe devo dos mantimentos de dons mezes, e eu então vinha aqui tomar dinheiro sobre este cordão, arrelicario e imagem de Nossa Senhora da Conceição.

VALENTIM.

Pois minha senhora, vá esperar neste quartinho, que elle está acabando de almoçar, e não tarda a vir para fóra.

MULHER (*indo para o 3.º quarto.*)

Sim senhor, meu senhor.

VALENTIM (*só.*)

Isto é assim todo o santo dia. Desde que amanhece até que anoitece nesta casa não se veem senão misérias, uns perseguidos por verdadeiras necessidades, outros porque querem sustentar um luxo, com que não podem, estes porque só desejão alimentar seus vícios, aquelles porque não tem ordem, nem economia em sua vida, e em vez de tratarem de conservar, ou augmentar seus bens, os destruem até o ultimo bocadinho ! E' um verdadeiro theatro das fraquezas humanas ; e quem attentar para o que neste recinto se passa, ficará conhecendo e avaliando o mundo, sem precisão de nenhuma outra experiencia !

SCENA X.

OS MESMOS E FAGUNDES.

FAGUNDES (*vindo de dentro.*)

Vio algum ?

VALETIM.

Estão tres pessoas.

FAGUNDES.

Então vá almoçar, em quanto eu as depacho. (*Valentim vai-se.*) Agora vamos tratar de socorrer a humanidade afflicta. Começemos pelo primeiro, para seguir uma ordem numerica. (*Vai dirigindo-se ao 1.º quarto, e cacha o panno.*)

Fim do 2.º acto.

ACTO III.

QUADRO 1.º

O JOGO BERRA O AMOR.

O theatro representa uma sala em casa de Julio. Algumas poucas cadeiras americanas velhas guarnecem a sala, e sobre uma mesa tambem velha arde uma vella. A' direita do espectador ha duas janellas que deitão para a rua. Do lado esquerdo portas para o interior, e no fundo porta da entrada.

SCENA I.

(*Mathilde assentada junto á mesa cozendo; ao pé della sua mãe de chapéo e vestida, como quem chegou, e João de Moraes do outro lado.*)

GONZAGA.

São 11 horas dadas, e elle não chega! Não o espero mais, e como decidadamente não me queres obdecer, retiro-me, e prometto que mais aqui não torno a por meus pés. (*Levanta-se.*)

MATHILDE (*targando a costura, e levantando-se.*)

Minha mãe, não vá assim zangada conmigo, bem sabe que o que me ordena é um impossível, ou antes um crime, que offende a religião e a sociedade.

GONZAGA.

Offende a religião e a sociedade? que absurdos que proferes! Essas offensas lhes fazes tu, acompanhando a um

homem, que tem feito a tua desgraça, e a minha vergonha. De que te ha elle servido? Que beneficios lhe deves? Quando o aceitei para meu genro (e antes nesse momento eu te visse morta), foi para que minha filha tivesse um amparo, um procteter, e o que nelle encontrei? um malvado, um perdido. . . . que depois de haver dado sumisso a tudo quanto possuias, agora entregou-se ao vicio de jogador, em que consome a mais pequena quantia que lhe cahe nas mãos! chegando mesmo a vender todos os seus trastes para alimentar essa fatal paixão. Olha, Mathilde, o fim de teu bello marido está bem visivel: ou ha de ser nua forca, ou a casa da corrupção. Da maneira, por que vai, em breve dará em ladrão e assassino, se é que já não deu nisso. Assim pois ouve os conselhos de tua mãe, que ainda te quer arrancar da borda do abysmo em que estás p. estes a cahir. Vem para a minha companhia. Assim enquanto Deos me der vida, não te faltará que comer. Quea te creou e educou por espaço de quinze annos, ainda o poderá fazer agora. Vem, que se a tua mãe estrella recusante um marido, e a tua filha um pai, eu poderei vellar por ti, e por minha neta. Pela ultima vez te digo, que me acompanhes. Depois que eu transpizer a soleira de tua porta, entregar-te-hei ao teu destino, e minha filha para sempre morrerá para sua mãe.

JOÃO DE MORAES (*com hypocrisia.*)

Minha afilhada, os conselhos de sua mãe são mui prudentes. Heje todos temos perdido as esperanças de chamar seu marido ao caminho dos homens de bem. Aceite o partido que ella lhe offerece, que infelizmente é o unico que resta.

MATHILDE (*volta-lhe as costas com máo humor, e dirige-se à mãe.*)

Minha mãe, só quem inteiramente desconhece o coração do meu Julio, as brilhantes qualidades que o adornão, a grandeza de sua alma, o elevado de seus sentimentos, é que

pôde contra elle proromper em injurias e imprecações, quaes as que acabão de salir de sua boca. E' verdade que a mais terrivel fatalidade tem pesado sobre elle, que ate mesmo parece, que os céos e os homens se tem conspirado para a sua perda, porém eu tomo a Deos por testemunha de que meu marido seria o ente mais virtuoso do mundo, se não fossem as cruéis occurrencias que se tem dado em sua vida. Destinado a fazer um brilhante papel em seu paiz, que seus talentos á isso lhe davão direito, vio logo depois de unir a sua sorte á minha, frustrada a esperança de um emprego, que com toda segurança lhe haviam promettido. Dahi começaram seus tropeços e obstaculos. Sem fortuna, e pouco conhecido, vio-se expulso do escriptorio de seu amigo, que reprovou o nosso casamento, porque destinava a Julio uma de suas filhas. Sem meios pois de subsistencia, por mais esforços que empregasse para obtel-os, achou-se reduzido ao ponto de empenhar e vender alguns objectos de mais valor para assim poder viver. Conhecendo que na corte ser-lhe-hia necessario muito tempo para adquirir uma clientella, quiz retirar-se para o interior da provincia, e a isso, minha mãe, Vme se oppoz com todas as forças, amaldiçoou a hora do nosso casamento, chamou-o Judeu errante, e chegou mesmo a clamar que elle só, o que procurava, era mata-la. Julio estimava-me muito, e por isso foi nimiamente fraco para ceder.

GONZAGA.

E então? ainda em cima não se conspira contra mim? Ora vão lá as mãs tomar as dôres por estas serpentes que trouxemos em nossas entranhas?

MATHILDE.

Oh! sinto muito ter de dizer-lhe verdades cruéis! mas neste momento so'emme em que se trata de opprimir meu marido, hei de defendel-o ainda que me custe a vida, ainda que attraia a sua maldição, porque Deos della

me absolverá !..... Crime seria calar-me e deixar que seu nome e sua reputação ficassem maculados. Para satisfazel-a, minha mãe, para contental-a, deixou-se Julio ficar na corte, redobrando de esforços, não para viver com luxo e magnificência, mas para alcançar numero de causas em que ganhasse para fazer face ás suas despezas. No entanto procurou ensinar linguas em algum collegio. Apenas isso lhe chegou aos ouvidos, Vm. não cessava um só momento de redicularisal-o, de ferir o seu amor proprio, dizendo-lhe a cada passo que elle seria conhecido pelo Dr. mestre de escola, e então meu marido receando que suas palavras perfeitamente commentadas pelos sarcasmos do Sr. Commendador, achassem echo em meu espirito, que eu enxergando nelle algum ridiculo o deixasse de amar, tireu dahi o sentido, e as nossas necessidades ião sempre em augmento. Quando, para não fazer despezas com que não podia, recusava levar-me a algum baile, comprar-me algum enfeite, privar-me de alguma noite de espectáculo, que de suspiros não ouvia elle ? que de lagrimas não devisava em seus olhos, lamentando a sorte de sua filha, e fazendo sempre as comparações as mais ferinas e mortificantes ? O pobre Julio então tudo fazia, tentava tudo para não desgostar a mãe de sua mulher, a quem tanto idolatra ! Dahi nascêrão as dividas. Para acudir-lhes, o penhor e a venda do que possuia. Ultimamente levado por uma falsa esperanza de lucro, e muito aconselhado pelo Sr. Commendador, tem-se entregado ao jogo, vicio a que sempre teve aversão ; porém tudo isto só tem sido effeito da desesperação em que vive, da fatal perseguição de seu destino, e nunca por más disposições de sua alma. Se eu não fôra, minha mãe, se Julio não se houvesse casado comigo, hoje rico, considerado, respeitado de todos, occuparia talvez uma posição elevadissima. Eu sou portanto a fonte innocente de suas desgraças, desgraças. . . . perdoe-me por quem e que tem sido aggravadas pelas suas exigencias. Assim pois reconhecendo-me o primeiro movel das infelicidades de meu marido, reconhecendo a parte que Vme. nellas tem tido, enquanto me restar nas veias uma gota de sangue, enquanto no coração houver o menor sopro de vida, hei de accompa-

nhal-o ; mesmo no caso de para comigo converter-se o seu amor em odio, sua veneração em desprezo ; ainda mesmo que seja preciso esmolar de porta em porta o mesquinho pão para alimentar minha pobre filha.

JOÃO DE MORAES (*triste e á parte.*)

Que amor ! oh ! se ella pór mim sentisse igual, eu me suporia o mais feliz dos mortaes.

GONZAGA (*contendo-se.*)

Se eu não visse que tua razão está completamente desvairada, que o sizo se apartou de tua mente, daria a devido importancia ás palavras loucas e insultantes que acabaste de proferir ; porém a tudo dou o devido desconto que uma infernal paixão te cega. Eu me retiro, filha desnaturada. Feliz, ou infeliz, nunca mais voltarei á tua casa, e a ultima recommendação que te faço é que te esqueças de que sou tua mãe. (*Vai retirar-se.*)

MATHILDE (*pondo-se de joelhos para impedi-la.*)

Minha mãe !

GONZAGA (*repellindo-a de sorte que ella cahe.*)

Deixa-me, que não és mais minha filha. (*Sahe precipitadamente.*)

JOÃO DE MORAES (*levantando-a.*)

Tenha paciência ! ha de voltar com o tempo (*Á parte*).
Agora nós.

MATHILDE (*chorando.*)

Ella me repelle ! ella me amaldiçoa ! e nem o menos

está elle ao meu lado para me consolar ! Ah ! vou abraçar-me com a minha desgraçada filhinha : talvez que ella já possa comprehender a dôr de sua triste mãe. (*Vai dirigindo-se para dentro.*)

SCENA II.

MATHILDE E JOÃO DE MORAES.

JOÃO DE MORAES (*indo a ella.*)

Minha afilhada !

MATHILDE (*surprehendida.*)

Julgava, senhor, que já se havia retirado ! é tão tarde . . . que

JOÃO DE MORAES.

Sim, bem vejo que são horas, e que necessita descansar, porém não me demorarei. Quero apenas dizer-lhe algumas cousas, e uma occasião, como esta, talvez mais não encontre.

MATHILDE.

Bem, senhor ; eu o ouço.

JOÃO DE MORAES.

Que modo de fallar é esse ? para que tanto senhor ? Já não sou seu padrinho ? a pessoa que nesta vida mais bem lhe deseja ? Afilhada, deixe essas maneiras austeras de tratar-me, e lembre-se de que ainda mesmo em solteira era pessoa de meu peito.

MATHILDE (*á parte, com os olhos baixos.*)

Eu tremo de ouvir a este homem!

JOÃO DE MORAES.

Pois nem ao menos me olha? horrorisa-lhe o meu semblante? oh saiba, que suas infelicidades me fazem sangrar o coração, e que tenho os mais ardentes desejos de melhorar o seu estado.

MATHILDE (*á parte.*)

Enganar-me-hia por acaso?

JOÃO DE MORAES.

Bem sabe que sou rico, que sou solteiro, que não tenho filhos, e que sem produzir o menor desfalque na minha fortuna, poderia levantar seu marido do ponto de miséria, a que tem tocado.

MATHILDE (*olhando para elle e pondo as mãos.*)

Senhor, não faça atravessar o meu espirito um raio de esperança, o desengano será horrível.

JOÃO DE MORAES.

Não, o que digo não serão meras esperanças, se a filha-da-quizer a linal comprehender, o que lhe convém—se quiser proferir uma palavra

MATHILDE (*transportada.*)

Oh! senhor! será por ventura a Providencia, quem se maniêsta em sua pessoa? será Deus quem o envia para fazer cessar nossos tormentos? Diga, senhor, diga o que

é preciso que eu faça, o que de mim pretende. Diante de nenhum sacrificio recuarei, nenhum obstaculo me fará trembrar. Se for necessario servi-lo como escrava toda a minha vida, não ezitarei. Se quizer que beije suas mãos (*beija*), se quizer que me abrace com seus joelhos (*ajoelha*), se quizer que regue seus pés com torrentes de lagrimas (*abai-rasse*), a tudo estou disposta, com tanto que salve Julio, que o arranque deste precipicio em que está prestes a despenhar-se.

JOÃO DE MORAES. (*á parte.*)

Emfim, triumphei! (*Alto.*) Levanta-te, Mathilde, não são tao duras as condições que te imponho.

MATHILDE (*levantando-se, e recuando.*)

Este tratamento familiar! semelhante liberdade me faz gelar o sangue nas veias.

JOÃO DE MORAES.

Nem quero que sirvas como escrava, nem que regues meus pés com as tuas lagrimas. . . . um olhar meigo e terno, que me lances. . . . uma expressão de amor. . . e eu julgarei tocar a suprema felicidade! Sim, Mathilde, é tempo de romper o véo. Ha tres annos, que a mais ardente paixão me abraça pelos teus encantos. Enquanto souteira pretendi a tua mão, queria, conduzindo-te ao altar do hymeneu, dar-te meu nome, cercar-te de riquezas, e fazer-te a mais feliz das creaturas. A titulo de velloso me repudiaste, e eu vi passar ao poder de outrem o thesouro, que tanto idelatrava. O teu casamento com Julio, bem longe de apagar em meu peito a labareda, foi como o tufão que ainda mais o incendiou, e até hoje as caricias que lhe prodigalisas, a ternura com que o trataes, tem sido outros tantos agudas espinhos que me tem atravessado a alma. Chegou enfim o momento de tudo declarar-te, que o meu

amor pela sua enormidade já em meu peito, assaz pequeno para conte-lo, trasbordava. Vámas: uma palavra, e o teu destino se mudará, como o sol transforma a noite em dia, tua existencia de precisoes e miserias se converterá como por encanto em un viver defausto e de opulencia, e a tua vida que se ha deslizado em pranto, em tristezas e miserias, será toda doirada de prazeres e delicias, que mesmo não terás inveja ás mais afortunadas. Que respondes ?

MATHILDE *(no requinte da afflicção.)*

Que julgava, senhor, haver servido até á ultima gota o calice da amargura ! que tinha chegado ao termo do sofrimento ! porém quanto me enganava ! Meu Deus ! quanto ainda o inferno me havia reservado ! Ha insultos, senhor, ha offensas tão aviltantes, que por não se suppór apossibilidade de sua existencia, não se tem inventado termos para qualifica-las, e as que acaba de dirigir-me são desse numero. O que tenho eu feito ? que acção tenho praticado em minha vida, que lhe dê o direito a tanta audacia ? a supprime capaz de trahir os mais sagrados deveres de senhora, de esposa e de mãe ? Não sabe que se, quando solteira, recusei a sua mão, hoje casada devo olhar com horror para as suas offertas ? offertas de um miseravel, que fingindo-se amigo e protector de um pobre incauto, quer introduzir no seio de sua familia a deshonra e a immoralidade ? Senhor, sou uma fraca mulher . . . estou só . . . porém não abuse de minha posição. O tédio, e o desprezo, que neste momento sinto por sua pessoa, dar-me-hão forças para punir a insolencia de quem pretender faltar ao respeito da esposa do Dr. Julio.

JOÃO DE MORAES *(rindo-se.)*

Dessa grande personagem, que a deixa aqui ao desamparo, morrendo á fome, e vendo espirar sua filha por falta de um peito, onde se alimente ! que a trata, enfim com o mais decidido abandono ! Com effeito, é bem digno de seus extremos !

MATHILDE *(com muita dignidade.)*

Pois saiba, que Julio, ainda mesmo desprezando-me, para mim é tudo, e que o senhor amando-me, como diz, é a meus olhos uma vibora poçonhenta e asqueroza. a quem neste momento desejava esmagar de baixo dos pés. Sáia, senhor, retire-se de minha casa, e nunca mais torne a mancha-la com sua reprovada presença. Tive bastante coragem para não morrer ao ouvir seus offensivos insultos, mas devo evitar a incalculavel desgraça de tornar a encerrar o mais vil, e abjecto dos homens

JOÃO DE MORAES *(com ternura aproximando-se.)*

Mathilde!

MATHILDE *(correndo á janella.)*

Não se chegue para mim! . . . nem mais um passo!
Que então chamarei em meu soccorro. Retire-se, saia já desta casa.

JOÃO DE MORAES *(depois de alguma pausa.)*

Bem. . . eu me retiro, mulher louca e desassizada!
Eu não tornarei a voltar á sua casa; porém saiba que a sorte de seu marido, e de toda a sua familia existe em minhas mãos! Dia virá em que se arrependa! em que derrame copioso pranto; porém então nada lhe poderá valer *(com ironia.)* Adeos, constante esposa, fiel consorte. Regosija-te, porque teu marido corresponde, como deve, aos teus amorosos extremos. *(Retira-se.)*

SCENA III.

MATHILDE (*joelha.*)

Meu Deus! eu vos rendo infinitas graças por me haverdes salvado de tão eminente perigo! por me haverdes arrancado das garras dessa terra, que podia abusar da minha fraqueza. Foi vosso auxilio, Senhor, quem me deu forças para resistir-lhe (*Levantando-se*). Infame! como a final tirou a mascara da hypocrisia! De ha muito que eu havia presentido seus nefandos designios! A maneira por que me olhava, as offertas que de continuo me fazia, as occasiões que buscava para estar só comigo, e sobretudo o prazer, que lhe notava em indispor no meu animo o meu pobre Julio, tudo bem denunciava quacs as horriveis pretenções desse malvado! (*Pondo as mãos depois de alguma pausa*). . . . Senhor, eu não tenho o direito de interrogar-vos; porém perdoai a um coração repassado de desgostos, o perguntar-vos se ainda não é tempo de retirar de cima de nossas cabeças a desgraça que nos opprime? Conto apenas dezoito annos de existencia, e já tenho passado por tormentos por nenhum mortal ainda soffridos? Meu marido, a quem adoro, me abandona, e instigado pela desesperação lança-se na carreira do vicio, que só tem por paradeiro o crime. Minha mãe, minha propria mãe, em cujas entranhas fui gerada, nega-me a sua ternura, e repelle-me para longe de si! minha innocente filhinha á minha vista chora, porque em meus seios a dor tem seccado a fonte de sua vida, e não tenho com que enchugar suas lagrimas de fome. Acho-me isolada no mais horroroso deserto, e nem ao menos tenho o regaço da amizade onde possa derramar meu cupioso pranto! Que fiz eu, Senhor, para merecer tão acerbos penas? Tirai-me a vida! dai-me antes a morte, porém ao menos salvai os entes que neste mundo mais preso. Eu já não tenho forças para supportar tanta adversidade! o corpo se anni-

quilha, o espirito se abate, e se vir chegar o meu fim deixando essa fraca criancinha orphã, e sem sua mãi, que a comprehenda, oh! minha morte será a da desesperação, e minha alma nem ao menos poderá gosar da vossa gloria... (*Ouve-se dentro o choro de uma criança*). E' minha filha... é ella, que chora de fome!... e eu não poder valer-lhe!... Ah! desgraçada, que sou! (*Cabe desmaiada no chão.*)

SCENA IV.

A MESMA E JULIO.

(*Julio entra de vagar mostrando em seu semblante e vestuarios a maior desordem, os cabellos desgrenhados, gravata mal posta, etc. Apenas entra olha para toda a sala sem ver Mathilde, e vai sentar-se na cadeira, que fica junto à mesa, onde deixando cahir a cabeça, permanece pensativo por algum tempo. Depois como acordando de um sonho*)

JULIO.

Mathilde hoje não me quiz esperar, e talvez acabrunhada de vigílias foi deitar-se sem dar ordens a fechar-se as portas... e a casa assim aberta poderia ser invadida por ladroses... (*com um riso triste*) ladroses! o que virião elles aqui fazer, se nada existe, que possa desafiar a sua cobiça? (*Levantando-se*). Nada absolutamente... porque tudo... tenho empenhado... tudo tenho vendido... para perder ao jogo! O que me resta agora? somente a miseravel vida, e essa mulher, que fui buscar á casa de sua mãi para tornal-a desgraçada, ou antes para servir-me de carga, com que já não posso (*no cumulo da desesperação*) Oh! se me fosse dado acabar de uma vez com tantas angustias!... (*Pensa*) E porque não?... Por ventura não

é a vida propriedade minha? Não posso dispôr della, como me approuver? Deixe-mos de parte a doutrina dos philosophos e a voz da religião que de continuo nos prégã que o suicidio é um crime. . . . Não, a natureza concedeu-nos a vida para cercal-a de gosos, desde que ella se torna em fonte de desgostos, de dores e soffrimentos, extingui-l-a é mais um bem que um mal. . . . Tentei calcar aos pés as prevenções dos que julgão, que ha classes privilegiadas, e vi todas as minhas esperanças decabidas, lancei-me na estrada do vicio, entreguei-me ao jogo, e com elle acabei de cavar a minha ruina. Deshonrado, sem nenhum conceito, crivado de dividas, passando aos olhos de todos por um homem sem fé e sem palavra, de que me serve viver? Ah! acabemos com isto. . . . deponha-se o fardo, e voltando ao nada, donde sahiuos, votemos ao mundo o mais solemne desprezo. . . . Uma bala na cabeça será o objecto de um instante. . . . e essa pistola, que eu julgava de nenhum valor, é neste momento para mim da maior preciosidade. . . . *(com muita resolução)* Busquemol-a *(Vai a caminhar e tropeça no corpo de Mathilde, recua)* Quem está ahí? *(Mathilde rolla a si, e põem-se de joelhos, fazendo um esforço)* Mathilde! e onde estava quando cheguei?

MATHILDE.

Estendida neste asscalho, privada dos sentidos, porque as forças me abandonarão.

JULIO *(com asperesa.)*

E por ventura não lhe tenho recommendado, que não me espere? Não lhe tenho dito, que as continuadas vigílias a delibilitarão?

MATHILDE *(levantando-se.)*

Porém, Julio. . . em tua ausencia. . . quando te demoras. . . um tão grande terror de mim se apossa, que ou o

sonno de todo foge de meus olhos, ou se a fadiga me cerra as palpebras, sonhos terríveis se apoderão de minha imaginação. Ora vejo-te conduzido entre guardas para um escuro calabouço, ora parece-me que assassinos te cercão. . . . que te lereem. . . . que te dilacerão os membros. . . . ah! . . . Julio! . . . então como acordo sobresaltada! como me bate meu pobre coração!

JULIO (*com asperesa.*)

Tudo isso é effeito das continuas insomnias. . . . Trate de si. . . . Por muitas vezes lhe tenho dito, que não se importe comigo.

MATHILDE.

E como é isso possível, se te amo tanto? (*quer abraçal-o.*)

JULIO (*repellindo-a.*)

O amor, senhora, também cança. Esse sentimento monótono e continuado acaba por fatigar-nos.

MATHILDE (*chorando.*)

Oh! meu Deos! este é o golpe mais terrível, que tendes desfechado sobre a minha cabeça! A pobreza não me desanimava! . . . a miséria não me fazia horror. . . . a fome e o frio não me assustavão, porque contando com o amor de Julio, acreditava possuir todas as riquezas do mundo. Hoje porém, senhor, que elle me abandona, hoje que em troca de meus carinhos só me concede despresos, que será da infeliz Mathilde? . . . (*Chora*) Ah! . . . ao menos vou abraçar-me com a minha desgraçada filhinha, e ambas a um tempo vos entregaremos o nosso derradeiro suspiro. (*Vai dirigindo-se para dentro.*)

JULIO (*como acordando-se.*)

O derradeiro suspiro! ... Mathilde! ... Mathilde! de quem fallas?

MATHILDE (*parando.*)

Acaso esquecido estás de que naquele quarto existe um anjinho prestes a voar ao Céu?

JULIO.

Nossa filha, Mathilde, o sagrado penhor do mais terno, do mais ardente amor prestes a expirar! oh! por piedade falla, dize. ... não mais repasses de golpes esta alma (*com muita fraqueza*) que já nem forças tem para gemer.

MATHILDE.

Pois não sabes, Julio! ... oh! meu Deus! nem palavras encontro para dizer-lh'o! ... não sabes que havendo seccado em meu peito o leite para alimenta-la, a desgraçada desde hontem vê-se privada de sustento, e que aos seus fracos vagidos só posso responder-lhe com as minhas lagrimas!

JULIO, (*horrorisado.*)

Que miseravel que sou! Não bastava ter feito soffrer a este anjo de candura (*abraça a Mathilde*) todos os tormentos do inferno, ainda deixar morrer á mingoa uma pobre innocente, que o unico delicto, que commetteu foi ter-me por pai!!! O bruto mais feroz e indomito de tanto não seria capaz! E preciso foi, que eu viesse ao mundo, para que o mundo visse um tão espantoso exemplo de crueldade (*tomando uma resolução subita*) Mathilde! falsas idéas até hoje me hão contido. Tenho ensaiado os meios de honestidade, e todos elles me tem faltado! Amanhã nossa filha não mais definhará de fome, e nós teremos abundancia

(Ajoelha-se). Perdoa-me, meu anjo, perdoa-me as palavras tão austeras, que ainda ha pouco te dirigí. Eu te amo cada vez mais, ou antes adoro em ti a mais perfeita imagem da Virgem Santa, porêa muitas vezes o delirio de mim se apessa, e então presa da mais acerba vertigem, não sei o que profiro.

MATHILDE *(assustada.)*

Mas esta tua subita resolução ainda mais me assusta, do que me molestarão tuas palavras. Quando ha poucos momentos recobrava os sentidos, percebi que tentavas contra teus dias, agora fallas em apartares-te do caminho da honra! Ah! meu Julio! que designios são os teus! Parece-me ler em teus olhos os mais sinistros projectos. Por compaixão. . . por amor de nossa filha explica-te, tira-me desta horrivel incerteza.

JULIO *(como querendo illudi-la.)*

Tenciono valer-me do commendador, elle ha de ter dó do nosso estado.

MATHILDE *(horrorisada.)*

Ah! foge desse homem, como do reptil o mais peçonhento. Com mais facilidade encontrarás compaixão no peito de um tigre feroz, do que na alma desse infame.

JULIO.

Estás muito prevenida contra elle! Pois bem! irei a outro. Tenho um collega de quem tenciono valer-me, no entanto Mathilde. . . vai descansar. . . vai para junto de nossa filha, que eu já te sigo: só quero o tempo necessario para escrever uma carta.

MATHILDE (*dúvidosa.*)

Julio ! e eu não poderia assistir á sua factura ?

JULIO.

Protesto por tudo quanto ha para mim de mais sagrado, pela tua vida e de nossa filha que só quero escrever. Vai, Mathilde. . . . fia-te ainda nas minhas promessas.

MATHILDE.

Ben : eu vou : mas só poderei ter socego quando te vir a meu lado. (*Vai-se.*)

SCENA VI.

JULIO (*só, passando muito agitado.*)

Tenho até hoje sido homem de bem ! tenho até hoje evitado o crime e a infamia ! porém em troca o que tenho recebido de tantos sacrificios ? O mundo sempre injusto e egoísta em seus juizos, não procurando indagar a causa de minhas impontualidades, me tem perseguido da maneira a mais cruel apontando-me como um ente perdido ; como um miseravel trapaceiro. Os homens com quem eu contava, e que tão amigos e obrigados se confessavão de meu pai, ou me evitão, ou se me fallão, é para exprobar-me as minhas faltas. Meus próprios collegas a quem tanto preseí, com quem nutria tão gratas relações, só me olhão agora com despreso, como se eu trouxesse na frente escripta a reprovação eterna ! E no entanto minha pobre mulher definha entre lagrimas e padecimentos, cercada de todos os horrores da miseria ; minha infeliz filhinha nem mesmo um peito estranho encontra, onde possa saciar a fome . . . a fome ! quando tantos malvados e criminosos no centro da opulencia

e da grandesa atirão aos seus cães, o que para nós seria um lauto e sumptuoso banquete ? Oh ! não quero mais ser homem de bem ! Longe de mim esses princípios sociaes ! esses detestaveis sophismas, com que os velhaços querem possuir só para si o superfluo, que faria a felicidade de tantos indigentes. Quando Deus formou o homem depois de haver creado o mundo, disse-lhe : « Tudo quanto ha sobre a terra é teu, goza de tudo, que tudo te pertence. » O crime consiste em não observar a lei do Creator. O mais forte em outras épocas era o mais poderoso, hoje porém, que já não predomina a força bruta, deve ser o mais intelligente A sorte dotou-me de um especial talento de imitar perfeitamente as firmas alheias ; porque delle não usarei ? Deixemo-nos de ezitações. Ha pouco retirou-se para a Europa um rico capitalista, que grangeou fortuna colossal com o trafica da carne humana. Seja elle a minha victima. As diversas letras que deixou na Praça, não darão lugar a que se descubra a que vou falsificar, e nem mesmo estará presente para poder negar a obrigação. Obtenhamos por este meio a quantia de dois contos de réis, que é por ora de quanto necessito *(Vai à mesa e põe-se a escrever)*.

MATHILDE *(dentro.)*

Julio ! porque tardas ?

JULIO.

Um instante, Mathilde ! um só instante. *(Levanta-se e vem para a scena)*. Perfeitamente ! *(examinando a letra)* é a sua firma. . . . Terei dinheiro. E quando seja descoberto e os homens queirão lançar-me em rosto este acto, que appellidarão de cobardia, com o riso do sarcasmo lhes responderei : — Miseraveis ! . . . tudo isto é vossa propria obra. . . . Agora poderei dormir descansado. *(Vai para dentro)*.

Fim do 1º quadro do 3º acto.

QUADRO II.

CRIMINOSO RECURSO DA DESSEJ- PERAÇÃO.

O theatro representa uma sala em casa do Dr. Julio, exactamente como do quadro precedente.

SCENA I.

JULIO *passando muito afficto, e Mathilde assentada a um lado da scena ao pé do berço da filha a quem embala.*

JULIO *(a si.)*

E' cousa singular ! extraordinaria ! Desde hontem que dei a letra para descontar e até agora nenhum resultado ! *(Parando)* A firma estava perfeita ! A pessoa que figurava de acitante ausentou-se do paiz, e não pôde por ora haver receio de que se descubra a falsidade. Eu mesmo, para mostrar maior segurança, não puz duvida em endossal-a. Não sei portanto d'onde partirá esta demora ! Veção o que é commetter um crime ! Se fosse negocio licito, eu já teria sabido e por mim mesmo indagado se haveria algum transtorno ; porém assim como foi, a tanto não me atrevo ! Parece-me que todos me leem no rosto as palavras — falsario e ladrão ! — Não me animo a encarar de frente com quem quer que seja, e até mesmo evito minha propria mulher, receioso de que ella tudo descubra. Oh ! fraqueza maldita do genero humano ! porque não havia eu de pôr termo a esta miseravel existencia antes de commetter uma acção que cobrirá de opprobrio e de vergonha eterna o resto de meus dias ? *(Reflectindo.)* Apenas divulgado, todos fugirão de mim como se estivesse empestado ; todos me apontarão como um falsificador de

firmas, e a execração geral pesará sobre minha cabeça. Embora eu clame que tinha necessidade e que me faltavam outros meios para satisfazê-las, que minha mulher, esposa dedicada e virtuosa, de tudo carecia. e que eu nada tinha para offertar-lhe, que minha filha apenas de tres mezes morria de fome por não ter um peito onde se amamentasse, o mundo severo a nenhuma consideração quererá attender, serei para elle um homem sem fé, serei um ladrão, e me repellirá como o mais abjecto dos delinquentes ! Oh ! meu Deus ! para que me deste o ser ! ou ao menos porque não poupais aquellas duas innocentes tão puras como os vossos anjos ? Esta vida, Senhor, não é vida, é peor do que mil mortes, e os condemnados ás penas eternas não soffrem os martyrios, que dentro em mim supporto. (*Cabe assentado em uma cadeira, e esconde o semblante nas mãos. Batem fora palmas.*)

MATHILDE.

Estão batendo, Julio, queres que vá abrir ?

JULIO. (*assentado e á parte.*)

Acho-me tão assustado que nem me animo a apparecer. (*Alto.*) Vê quem é, Mathilde, e se perguntarem por mim, dize que não estou em casa, mas faze tudo por saberes o que pretendem. Eu vou para o quarto vizinho, e dali estarei em observação. (*Vai-se, Mathilde vai abrir a porta e entra João de Moraes.*)

SCENA II.

MATHILDE E JOÃO DE MORAES.

JOÃO DE MORAES.

Póde informar-me, se o Sr. Dr. Julio está em casa ?

MATHILDE (*á parte*).

Julio não exceptuou pessoa alguma (*Alto*.) Não senhor, saíio.

JOÃO DE MORAES. •

Pois tanto melhor. . . que com a senhora só poderei fallar com mais desembaraço.

MATHILDE (*com alliva*.)

Não estando meu marido em casa não posso receber pessoa alguma : assim, senhor, tenha a bondade de retirar-se, e voltar quando elle esteja.

JOÃO DE MORAES.

Sempre esse rigor, bella Mathilde! nem a adversidade, nem os revezes por que tem passado poderão abrandar esse genio tão cruel! Deshumana creatura! depois das tuas constantes repulsas tenho procurado abafar em meu peito a chamma, em que por ti ardo; porém os teus desprezos, tem feito, se é possível, mais crescer o meu amor. Sente portanto piedade de mim, ou antes de ti mesma. Olha o estado de miseria a que estás reduzida. Creada com todo o esmero em casa de tua mãe, hoje tudo te falta. Eu posso com um aceno mudar a tua sorte, doirar-te a existencia. Falla. . . abre essa boca divina, pronuncia a nossa ventura. . . porque tardas? . . .

MATHILDE (*á parte, com muita afflicção*.)

Meu Deus! se Julio ouve, que será d'elle? (*Alto em meia voz*.) Senhor, pelo céo! pelas chagas de Christo, retirar-se. . . fuja quanto antes. . . do contrario está perdido.

JOÃO DE MORAES.

Perdido! e pelo que? nada receeis... ninguem nos ouve... a hora... a solidão!... tudo protege o meu amor. Mathilde! abranda finalmente esses caprichos (*procurando abraçal-a*), cede aos meus rogos.

MATHILDE (*na maior inquietação olhando para todos os lados.*)

(*A' parte.*) Tenho medo de seu genio impetuoso (*Alto.*) Pela última vez... de mãos postas lhe supplico que fuja... que se ausente.

JOÃO DE MORAES.

Receias que nos surpreendam?... pois bem... fecharei as portas.

MATHILDE (*quasi desfallecida.*)

Senhor!

JOÃO DE MORAES.

Estaremos em mais segurança (*Vai fechar a porta. Neste momento Julio vem á scena, e com um gesto manda Mathilde retirar-se: esta põem as mãos como supplicando que nada faça, porém Julio com um aceno imperioso a manda de novo retirar-se, e ella abaixando a cabeça, vai-se. Julio cruza os braços á espera de João de Moraes, e este tendo fechado a porta sem ver Julio, volta, e continua.*) Agora, nada podemos temer (*Vendo Julio fica estatico, como ferido de um raio, e Julio com os braços cruzados o encara com muita arrogancia.*)

JULIO.

Sempre acreditei, senhor, que os annos, e a experiencia poderião pôr um freio aos vícios adquiridos na mocidade: mas o que acabo de observar em sua conducta me convence do contrario. Admittido em minha casa, como auidgo, recebido no centro de minha familia, como se della fosse, o senhor teve a protervia de nutrir sentimentos criminosos para com minha mulher. . . . e o que ainda é mais. . . . teve a audacia de lhos declarar, sem nenhuma respeito á sua virtude, fazendo da sua propria desgraça mais um caminho aos seus infernaes desigaios! (Que punição merecia esta sua vil conducta? que castigo deveria eu impôr a um semelhante abuso de confiança? Velho devasso, e immoral. . . . se eu não honrasse essas cãs por ti mesmo vilipendiadas. . . . esbofetecendo-te no rosto, nelle impriamta para sempre o ferrete da ignomia de que és digno. Vai, afasta-te de minha presença, e nunca mais conspurques a minha casa com teu halito de vibera. *João de Moraes tenta fallar.* Não uma palavra. . . . nem um gesto. . . . Se até aqui tenho podido refrear minha justa colera, não lhe fagas saltar os olhos com tuas despreziveis ofensas. Vai, já to disse *empurrá-o*), que a casa onde habita um anjo, não deve ser maculada com a asquerosa presença de um satyro. *Levta-e aos empurrões até á porta, que abre, e João de Moraes sale.*

JOÃO DE MORAES *(ao sair.)*

Ainda nos veremos. Sr. Doutor.

JULIO.

Para esmagar-te infame como ao mais hediondo inseto. . . . *Fecha a porta, e volta para a scena.*

SCENA III.

O MESMO E MATHILDE.

MATHILDE (*correndo.*)

Meu Julio (*abraça-o*) quanto te agradeço pelo medo porque te houveste ! Eu estava tremendo, e receiava que o furor te cegasse.

JULIO.

Não, Mathilde, contive-me bastante, porque este acontecimento foi uma punição do céu. Por diversas vezes me havias dado a entender o que era esse malvado, assassino da honra alheia ; mas eu cego, em demasia credulo, não te comprehendia, e foi necessario covello eu mesmo para que a venda me cahisse dos olhos. Como me poderia nunca persuadir de que um homem com tão respeitante idade, que deveria ser o primeiro a dar-me bons exemplos e a aconselhar-me, teria o arrojo de, abusando da minha boa fé, tentar contra a tua virtude ! De quantos malvados, de quantos perversos deste quilate se acha o mundo cheio ! E ne entanto são por toda a parte bem recebidos, festejados . . . só porque são ricos, porque tem dinheiro ! Maldito seja esse pernicioso metal que aplaina o caminho do vicio.

MATHILDE.

Está bom, meu Julio . . . mais não te afflijas. Bem bastão as tuas continuas mortificações.

JULIO.

Sim . . . não me afflijo. Enxetado de minha casa mais

não tornará a ella. D'ahi pois podemos tirar o sentido. O que na realidade agora me atormenta é estar-se demorando a decisão de uma letra, que mandei descontar.

MATHILDE (*triste.*)

Ainda novas dividas?

JULIO.

Não : a letra não é minha ; recebi-a em pagamento de uma causa, de que tratei.

MATHILDE (*alegre.*)

E de quanto é?

JULIO.

De dois contos (*forçando por parecer alegre.* Agora, Mathilde, nossa filha poderá ter uma ama.

MATHILDE (*muito alegre.*)

Oh ! meu Deus será verdade ? Não me illudas, Julio, isso é certo ?

JULIO.

Não ha duvida. Hoje o mais tardar espero esse dinheiro, e o primeiro uso que delle farei, será acudir áquella innocente. (*Aponta para a filha.*)

MATHILDE.

Que felicidade, meu Julio ! que fortuna ! Não me podias dar uma noticia que mais me alegrasse : vou correndo a abraçar nossa filha. Eu já volto (*Beija-o na testa e vai correndo.*)

SCENA IV.

JULIO (*só olhando-a triste.*)

Como vai alegre ! como a unica idéa de melhorar a sorte de sua filha a contenta ! mas qual não seria o seu desgosto se soubesse por que preço busco conseguir esses meios ? Se até aqui tem supp riado com uma resignação admiravel todos os revezes da sorte, succumbiria por certo aos golpes da vergonha (*batem fóra*). Quem será ? Se fosse o resultado da letra ?

SCENA V.

O MESMO E MATHILDE (*voltando.*)

MATHILDE.

Ouvi bater. queres que veja quem é ?

JULIO.

Sim, vai ver. (*Retira-se para um dos lados da scena. Mathilde chega á porta, finge fallar com alguém, e da porta mesmo diz:*

MATHILDE (*á porta.*)

E' o senhor que traz o dinheiro da letra.

JULIO (*contrafeito.*)

Que entre ! (*A' parte*) Enfim consumou-se o crime ! Antes ella nunca fosse descontada !

SCENA VI.

OS MESMOS E VALENTIM.

VALENTIM (*entrando.*)

Sr. Doutor, a letra não pôde ser descontada por menos de um e meio por cento. Apesar de haver muito dinheiro na Praça, as quebras tem sido tantas, o mesmo tem apparecido tantas letras falças que os capitalistas estão muito receiosos de fazer estes descontos. Como V. S. não havia marcado preço, meu amo effectuou a transacção.

Trago-lhe portanto um conto novecentos e dez mil reis, que com noventa do premio de tres mezes perfaz a somma dos dois contos. Aqui está. Faça o favor de verificar. (*Entrega o dinheiro a Julio, que o recebe machinalmente.*)

JULIO (*à parte.*)

Parece-me carvão em brazas que as mãos me escalda !

VALENTIM.

Agora V. S. deve-me dar um recibo para a minha reserva.

JULIO (*à parte.*)

Mais um documento ! mais uma prova do meu crime ? (*alto.*) Parece-me que em semelhantes transacções não devo haver recibo, ou antes a letra disso serve.

VALENTIM.

Como queira. Era simplesmente para mostrar a meu amo, que lhe havia entregue o dinheiro, . . . mas uma vez, que repugna. . . eu me retiro (*vai buscar o chapéo que ao entrar deixou sobre uma cadeira, e volta.*)

Sr. Doutor, ás ordens de V. S. . . . minha senhora. . . com sua licença. . . (*Dá alguns passos, e pára.*) Oh! meu Deus! o que é o que sinto! . . . (*leva as mãos a cabeça.*) uma horrivel vertigem se apodéra de mim. . . um calafrio geral me percorre as veias! . . . a cabeça se me parte! . . . oh! que dôr nas costas! . . . uma bacia! . . . uma bacia! . . . que sinto ancias de morte! . . . (*Cabe em uma cadeira tremendo-lhe todo o corpo.*)

MATHILDE (*correndo a elle.*)

Que é isto, senhor? o que tem?

JULIO (*indo tambem para elle.*)

Está gravemente enfermo! (*examinando-o.*) E' a febre amarella! . . . O que devemos fazer? . . . You ver se o Dr. Coimbra está alli defronte na botica para prestar-lhe algum soccorro. . . Mathilde, toma conta do Senhor por alguns instantes. (*Vai-se correndo.*)

SCENA VII.

MATHILDE E VALENTIM.

VALENTIM (*muito afflicto.*)

Ah! . . . eu morro! . . . esta afflicção! . . . estas dôres annunciação meu fim! . . . ao menos. . . um Padre! . . . um Sacerdote. . . não me deixem morrer sem confissão que sou Catholico.

MATHILDE *(com muito bom modo.)*

Não desanime, Senhor, não perca a coragem, que não ha de ser nada. Deus não consentirá, que o senhor morra... Ainda está tão moço!... terá forças bastantes para resistir a molestia.

VALENTIM.

Não, senhora!... Não tenho nenhuma esperança. Estes soffrimentos presagião a morte... Eu bem o sinto.

SCENA VIII.

OS MESMOS JULIO E O DR. COIMBRA.

JULIO *(ao Dr. Coimbra, muito apressado.)*

Aqui está o doente!

DR. COIMBRA *(olhando para Valentim, e tomando-lhe o pulco.)*

(A Julio.) Minha opinião é que seja immediatamente levado para o Lazaretto. A febre é muito pronunciada e aqui é impossivel fazer-se o conveniente curativo. Eu vou já informar ao Inspector do seu estado para mandar uma rede busca-lo. Em tudo isto a menor demora pôde ser funesta. Com licença.

VALENTIM.

Um instante, Sr. Doutor. *(o medico pára.)* Eu desejo que V. S. com franqueza me diga, se minha vida corre perigo. Tenho disposições a fazer, e sobre tudo sou Caritão!... desejava preparar-me. Não creia que desanimo. — Sou homem, e saberei morrer. Acho-me em perigo?

DR. COIMBRA.

O seu estado é muito grave, e se quizer fazer disposições, ellas não o prejudicão, nem mesmo os soccorros espirituaes, que só por simuitas vezes tem operado reacções espantosas. Vou dar providencias ao seu transporte (*Coimprimenta e vai-se.*)

SCENA IX.

OS MESMOS EXCEPTO O MEDICO.

VALENTIM.

Proferio minha sentença! Já nada tenho a esperar deste mundo!

MATHILDE (*chorando.*)

(*A parte.*) Coitado! . . . tão moço ainda! ha poucos instantes tão cheio de vida, e agora prestes a descer ao tumulo!

VALENTIM (*que a vê chorar*)

Ao menos um coração sensível prantê-a a minha morte! Quanto, Senhora quanto lhe agradeço essas lagrimas! Sr. Doutor, para que eu possa tranquillo comparecer diante do Juiz Eterno necessario é que lhe faça a mais terrivel declaração. Tenha a bondade de pedir á senhora, que se retire, pois tenho um segredo a confiar-lhe. (*Deixa cahir a cabeça.*)

JULIO (*a Mathilde.*)

Mathilde, ausenta-te por alguns instantes.

MATHILDE.

Sua; porém se for preciso alguma e usa, chama-me.
Vai-se.

JULIO.

Estamos sós.

VALENTIM *(levantando a cabeça e animando-se.)*

Os instantes são poucos e devemos aproveitá-los. Saiba, senher, que tem um inimigo implacável, que projecta a sua deshonra e completa ruína. Esse inimigo é o commendador João de Moraes Saraiva, que o tem levado por seus infernaes tramas ao estado em que se vê. Saiba mais que a letra que se desentou é falsa, e que elle tem disso conhecimento, que a tem em seu poder. . . . que eu mesmo a vi guardar dentro da secretaria no quarto que deita para o jardim. Os projectos desse homem são fataes; portanto faça tudo para resgatar esse papel, antes que o malvado delle se prevaleça. Eu morro. . . . não tenho familia. . . . não tenho amigos. . . . e como, inda que a meu pesar, fui um dos instrumentos de sua perdição, vou legar-lhe essa fortunas que tão mal adquiri Talvez que ao menos soccorrendo assim dous entes tão infelizes, aplaque a justiça do Eterno.

JULIO *(apertando-lhe a mão.)*

Oh ! alma generosa !

VALENTIM.

Não me toque que o meu mal é contagioso !

SCENA X.

OS MESMOS E UM HOMEM A' PORTA.

HOMEM.

Aqui está a rede.

VALENTIM.

Vamos : e segundo a lei passo a manifestar a minha ultima vontade (*Julio e o homem ajudam a carregar Valentim.*)

JULIO (*conduzindo-o.*)

Homem benfeitor ! O Céu lhe conceda tantos dias de existencia quantos beneficios nos procura fazer. (*Na porta o deixa.*)

VALENTIM.

Adeus ! Até o dia de juizo !

SCENA XI.

JULIO (*só, voltando.*)

Estou perdido ! Já não posso duvidar ! Esse genio do mal que me appareceu para o ser meu verdugo, tudo irá tentar para perseguir-me ! A minha letra com elle ! e sabendo que ella é falsa ! Certamente irá leval-a á juizo, arrastar-me-ha aos tribunaes , far-me-ha condemnar como um

ladrão ! e tudo porque ? oh ! que todo o corpo me estremece só por pensal-o ! E agora, justo Céu, o que devo fazer ? Lançar-me aos pés desse infame ? . . . antes morrer. Comprar-lhe a peso de ouro esse documento de meu crime ? elle não o trocará pelas riquezas do maior potentado. Demais onde ir buscar valores para o fazel-o ! que transes meu Deos ! que horrendos transes ! vou escrever-lhe, e se não annuir ? *(cabe desfallecido, porém levanta-se como tendo uma inspiração)* . . . o fatal papel, segundo disse esse homem generoso, está no quarto que deita para o jardim . . . esse quarto é inhabitado, . . . as janellas tem pouca altura . . . aniquilhada a letra, desaparecerão as provas. . . sim. . . quem teve coragem para falsificar uma firma, abusando do talento que a Providencia lhe concedeu, deve estar a tudo disposto. De um crime, uma vez commettido, só os mais atrozes crimes devem seguir-se. Esta noite decidirá a minha sorte ! Aconteça o que acontecer, esse papel virá ás minhas mãos.

SCENA XII.

O MESMO e MATHILDE.

MATHILDE.

Então, Julio, que e do homem ?

JULIO.

Já partio, e coitado ! vai com tenção de deixar-nos seus herdeiros.

MATHILDE.

Deus permitta que elle viva, embora sejamos pobres toda a vida.

JULIO.

Quanto te honrão, Mathilde, esses elevadas sentimentos! (*Abraça-a.*)

Fim do 3.º acto.



ACTO IV.

QUADRO I.

© CANTO CONDESSA DO CRISTO.

O theatro representa um gabinete em casa do commendador João de Moraes. Humm secretaria esta collocada entre as duas portas da direita do expectador, cujas portas communicão com o quarto de dormir do mesmo. No fundo duas janellas, que dao para o jardim, e por onde se vêem arvores, flores, figuras, etc. A direita, portas que communicão com o resto do edificio. Cadeiras, mezas, estantes com papeis, etc. E' noite e sobre uma mesa que está bem á boca da scena do lado esquerdo ha um lampeão de globo acceso.

SCENA I.

JOÃO DE MORAES (*tendo lido uma carta que ainda tem na mão.*)

Quem seria o curioso, que lhe foi dizer que a letra parava em meu poder? Fagundes julgo que não seria, e só elle e eu sabemos deste negocio. Offerecer-me o duplo de seu valor para entregar-lh'a? procurar tentar-me pelo interesse, a mim que daria a melhor parte de minha fortuna para possui-la, para ter em minhas mãos um semelhante documento! Oh! Sr. Doutor,quão mal me conhece e em que baixo preço avalia o alcance desse precioso papel! Com elle em primeiro lugar me vingarei dos insultos que ousou cuspir em minhas faces (*com ironia*). Um pobre velho... sem forças, como eu, não podia batter-se com tão denodado campeão... com um moço robusto e dextro, como

o senhor . . . portanto a extrategia igualará as nossas armas. Depois . . . com a sua condemnação a ingrata ficará só, e a final ha de cançar. A necessidade tem um aspecto horrivel e hediondo, e não é a casa que se su, por muito tempo (*reflexiona*). Eu sou rico, e por consequencia tenho amigos e influencia. Levado este negocio aos tribunaes, o réo não poderá negar, e quando o pretenda, a sua firma no endosso é mais que sufficiente para convence-lo. Assim pois o corpo de delicto será authentico. Quando for ao jury. . . . eu mesmo fallarei aos jurados fazendo-lhes uma pintura assustadora do perigo, que correu as nossas fortunas, se acaso não houver um castigo exemplar . . . da falta de segurança que terão as transacções do estabelecimento . . . do abalo e commoção em que ficará a praça. . . . o falsario não poderá deixar de soffrer uma grande pena . . . e uma vez na casa de Correição. . . o resto ficará por minha conta. . . tudo mais será facil (*passando de novo a carta pelos olhos*). Offerecer-me o duplo do valor da letra (*rise*) ah'ah'ah onde é que elle irá buscar esse dinheiro? Só falsificando outra para resgatar esta. O miseravel pensa, que todos estão com os olhos vendados, e eu então que lhe sei da vida passo a passo. A esta hora já lerá a minha resposta, isto é, que ignoro completamente a existencia d'essa letra, em que me falla.

JORGE (*à porta* .

Está lá fóra um senhor, chamado Fagundes, que quer fallar mesmo agora com o senhor.

JOÃO DE MORAES (*à parte*)

Fagundes a estas heras! sahir de sua casa á noite! Isto deve ser grande novidade! (*Alto*). manda-o entrar para aqui. (*Jorge vai-se*). Ha para mais de 8 annos que esse homem, que negocia com meu dinheiro, não pœ pé fóra da casa depois do recolher do sol. Vir pois da Carioca aqui, desamparar o seu thesouro, que guarda sempre como um

vigilante cerbera, é facto novo, e que me dá que cuidar !
Elle chega, vejamos o que seja.

SCENA II.

O MESMO E FAGUNDES.

JOÃO DE MORAES.

Que é isto Sr. Fagundes ? que grande urgencia o trouxe
per cá a estas horas ?

FAGUNDES (*muito cansado*).

Um caso imprevisto, e que nem eu, nem V. S. o poderia-
mos esperar. . . .

JOÃO DE MORAES.

Então o que foi ? . . . roubarão-no ?

FAGUNDES.

Não senhor. . . porém. . . .

JOÃO DE MORAES.

Sente-se. O senhor está muito cansado. Tome folego,
e depois falle (*da-lhe uma cadeira*).

FAGUNDES.

Obrigado. . . muito obrigado, mas não posso demorar-
me. . . vim somente para dizer a V. S. que o guarda livros
Valentim morreu de febre amarella.

JOÃO DE MORAES.

E que tenho eu com isso? Mandê-o enterrar, que não sou inspector para por-lhe — o sepulte-se.

FAGUNDES.

Mas o peor . . . foi . . .

JOÃO DE MORAES.

Foi o que? acabe que o senhor me está impacientando.

FAGUNDES.

O peor foi que elle fez testamento.

JOÃO DE MORAES.

E que me importa que o fizesso? Creio que o Sr. perdeu a cabeça.

FAGUNDES.

Não, senhor; porém logo que V. S. saiba a quem deixou por herdeiro. . . .

JOÃO DE MORAES.

Uma vez que não foi a mim, pouco se me dá saber-o. . . . mas enfim. . . . a quem deixou elle seus bens?

FAGUNDES.

Ao Dr. Julio, á quem tambem nomeou testamenteiro.

JOÃO DE MORAES.

Ao Dr. Julio?! E que relações haviam entre elles? Apenas o conhecia por ir-lhe á casa cobrar os juros.

FAGUNDES.

Não sei — porém o que é exacto é que lhe morretos e
bragos pediado—lhe nil perdões dos males que involuntaria-
mente lhe havia causado, d'onde inferi que tudo lhe contou.

JOÃO DE MORAES.

E que diabo poderia ter esse estúpido de Valénia? Um
simples guarda livres. . . . que nembras bens possuía. . . .

FAGUNDES.

Não é tanto assim. Deixou talvez es seus dez centos e
muito bem parados.

JOÃO DE MORAES.

(A parte.) Por isso é que elle me esrava en offerendo-
me o resgate da letra. Agora tudo comprehendendo. *(To. Sr.*
Fagundes a noticia que me dá não me incomoda, antes
estimo saber que o Sr. Julio teve essa herança, porque
quasi a tocar o termo de seus soffrimentos, mais sensivel lhe
será a queda que lhe preparo. O Senhor foi um dos que en-
trou na transação da letra, que pára em meu poder, não
está certo?

FAGUNDES.

Sim, senhor, ella me foi offerecida, e das minhas mãos
foi que passou ás de V. S., figurando nisso um terceiro para
melhor se aparentar o negocio.

JOÃO DE MORAES.

Bem, pois hei de curar ser do seu dependente em Julio.

FAGUNDES.

Como assim ? Quer que eu seja testemunha ?

JOÃO DE MORAES.

Certamente.

FAGUNDES.

Oh ! senhor ! Pelo amor de Deus livre-me V. S. desse embrechado. Ter de ir ao jury estar fechado um dia inteiro, e depois ser perguntado e reperguntado pelos advogados, que apertão agente como em uma prensa ? Nada Sr. Commendador, far-lhe-hei tudo quanto V. S. quizer, menos isso.

JOÃO DE MORAES.

E' indispensavel. Quero queixar-me do Dr. Julio.

FAGUNDES.

Olhe (perdoe V. S. se me atrevo a lembrar-lhe outro meio; acho melhor que se deixe de apparatus de justiça que são muito dispendiosos e incertos, e que como elle agora teve uma herança, venda-lhe bem caro esse corpo de delicto de seu crime. Se acaso V. S. apertar bem com elle, talvez dê a herança toda : pois é um moço de brio.

JOÃO DE MORAES (*com severidade.*)

Sr. Fagundes, já lhe disse, tenho precisão do seu depoimento. . . . quando for tempo o avisarei.

FAGUNDES (*submisso.*)

Bem, Sr. Commendador, como V. S. absolutamente o

exige, que remedio? (*A parte*). Tenho tanto medo destes senhores da justiça, que quando os vejo, já penso que me vem prender. As culpas no cartório são o diabo (*Alto*). Como V. S. já está de tudo informado, posso retirar-me.

JOÃO DE MORAES.

Sim, senhor, e fique certo de que com tempo o avisarei para saber quando tem de apresentar-se. Boa noite.

FAGUNDES.

Muito boa noite, Sr. Commendador (*Vai-se*).

SCENA III.

JOÃO DE MORAES (*só*.)

Não devo por mais tempo demorar o desfecho. Amanhã mesmo irei procurar o meu advogado, e serei parte. Julgo que o réo tem dous crimes distinctos, e que pôde ser por ambos condemnado. . . . Vejamos tenho idéa disso desde que fui juiz de paz em outro tempo (*põe os olhos e pega em um código que está na estante. Folheia-o e lê*). Aqui está o art. 167: « fabricar qualquer escriptura, papel ou assignatura falsa. — Penas de prisão com trabalho por dous mezes a quatro annes, e de multa de cinco por cento do damno causado ou do que poderia causar. Art. 168. Se da falsidade resultar pena maior nella tambem incorrerá o réo » (*fallando*). E' claro que elle incorreu em outra pena, porque desconten a letra. . . . para o furto. . . . não pôde ser. . . . visto que a pena é igual, e então não se dá a hypothese do art. 168. . . . Ah! é o estelionato por causa do artificio fraudulento (*examinando o código*). Art. 246: « Penas de prisão com trabalho de seis mezes a quatro annes » (*fecha o código e tira os de talos*). Não ha duvida,

é isto mesmo. Dez annos de prisão ? Nem preciso de tanto. Agora, Sra. D. Mathilde, veremes quem vence, veremes se o seu rigor continuará a maltratar-me ! (*puxa pelo relógio*). Ainda não é meia noite. Como anda o tempo vagaroso quando tenes pressa ! Enfim não está em minhas mãos accelerar a sua marcha. Vou ver se me é possível conciliar o somno por algumas horas ; e amanha então, levo que far dia procurarei o meu advogado para fazer a petição. Jorge ! Jorge ! Este maldito está sempre a dormir. Não tem vaidades, nem cousas que o amofinem ! Jorge !

UMA VOZ DENTRO.

Senhor !

JOÃO DE MORAES.

Anda cá fíra.

Apparece Jorge com todos os symptomas de que estava dormindo, e mostrando ter sido acordado de sobresalto.

JOÃO DE MORAES (*ao preto.*)

Ainda estás a dormir, demonio ?

JORGE.

Não senhor, estou acordado.

JOÃO DE MORAES.

Fecha tudo isto, e vem despir-me (*vai-se para o quarto.*)

JORGE.

Sim, senhor. (*Apenas João de Moraes se auzenta, Jorge espreguiçando-se dá os mais evidentes signaes de estar com*

muito somno). . . Vamos fechar isto depressa para me ir deitar (fecha as vidraças das janellas do fundo, mas não meche nas janellas de pãu, fecha as portas do lado direito e vem para a mesa onde está o lampeão) Já posso apagar o lampeão, que está tudo fechado. . . Ah! não fechei as janellas de pãu! também não importa! Como são para o jardim, não ha perigo (apaga o lampeão, e dirige-se para a esquerda onde entra)

SCENA IV.

O theatro fica completamente escuro, só de vez em quando vê-se alguns relampagos a travez dos vidros, e sente-se ao longe trovoadas. Julio apparece por detrás da janella do fundo, levanta a vidraça do cantella, salta dentro do quarto. Depois de dar alguns passos ás apalpadellas, quando se acha no meio da scena, diz.

JULIO. (só.)

Não ouço o menor ruido. Creio que eston no quarto, mas não sei para que lado me hei de dirigir (*continua a apalpar e dá com uma cadeira, assenta-se*) Ah! que bem necessitava deste apoio! Mais não me podia suster nas pernas! O coração bate-me, que parece querer saltar fóra, e por toda a parte se me levantão plantasmas e visões, que me fazem irigar os cabellos. . . Eis aqui as consequencias de um primeiro crime! eis os resultados de um passo falso na vida do homem! Agora que remedio tenho, senão subtrahir á publicidade esse fatal documento de minha perfidia! Devo tentar todos os meios para conseguil-o, e quando procuro empregal-os, foge-me o animo, e as forças me fallecem. Meu Deus! se os homens, como vós, Senhor, podessem ver em meu peito os estragos, que os remorsos nelle tem produzido, elles me perdoarião, como de vós espero o meu perdão!

Agora é preciso ir avante e ter coragem, e já que esse malvado negou-me estar a letra em seu poder, só para não m'a entregar, aproveite-se tão favoravel momento *sacra da alambiqueira uma caixa de phosphoros, accende um, e com elle accende um coto de vella que traz em uma luterne de furta-fogo. Isto feito percorre com a vista todo o quarto, e dando afinal com a secretaria exclama: Alli está ella! . . . Alli está a famosa arca, que encerra a minha vida ou a minha honra. . . Vamos. . . apressemo-nos dirige-se á secretaria e começa a arrastar as giretas com uma thesoura grande que acha sobre a mesma.*

SCENA V.

O MESMO E JOÃO DE MORAES *(em trajes menores envolto em um chaubre.)*

JOÃO DE MORAES *(com uma vella na cesa na mão.)*

(Parado á porta do quarto: Creio que não foi sonho. Vi claridade neste quarto, e pareceu-me sentir passos (olha para o fundo). A janella está aberta! (salle e dirige-se para ella.)

JULIO *(que apenas o vê esconde-se ao lado da secretaria.)*

Se me vê, estou perdido!

JOÃO DE MORAES *(ao passar por Julio dá com elle.)*

Quem está ali? . . . quem é? . . . ladrões! . . . accudão!

JULIO *(sahindo do lugar todo tremul-o)*

Senhor, por compaixão não me perca! Não seu ladrão! tudo lhe explicarei. Não grite.

JOÃO DE MORAES.

Que veio! o Sr. Dr. Julio! que veio cá fazer a esta hora arrastando a minha casa? (*gritando*) veio para roubar-me?

JULIO (*continua no modo assustado*).

Não, senhor, vim para salvar meu nome, o nome de meu pai de quem o senhor foi tão amigo. Não faça alarido: quem me decido á este acto de desapegação foi a sua resposta, foi a certeza de que o senhor só procura a minha perdição. . . . no entanto ainda é tempo. . . . o passo que acabo de dar denota, que a tudo estu disposto para haver esse fatal papel. . . . Se as minhas peccas não o movem, se a mancha eterna, que vai recahir sobre meu nome, não o enternece, diga em que prazo avalia essa desgraçada letra, que a tudo me resignarei. E sou prompto a dar-lhe o quadruplo desse valor. . . . a quantia não me importa, o que pretendo é sómente anniquillar essa prova de minha infamia.

JOÃO DE MORAES.

Então julga V. S., Sr. Doutor, que não é mais do que falsificar-se uma letra, roubar-se uma quantia, pôr-se em risco mil fortunas, e vir depois dizer-se, porque se tem uma herança, que tudo se arranja com dinheiro? E se V. S. não houvesse fiado por herdeiro desse Valentim? O roubo era irremediavel. Nada, meu senhor, a moralidade publica primeiro que tudo. O seu negocio vai ser objecto a justiça. Com ella se avenha.

JULIO.

O seu caracter perverso, sua indole de tigre, acabão de manifestar-se em suas palavras. Que se importa o senhor, que a moralidade publica se comprometta, ou que tem a moralidade publica com um acto que ainda não transpirou?

E quem falla em moralidade! O senhor que tem procurado abusando de sua riqueza, introduzir no centro de uma familia honesta a vergonha, e a devassidão... Sr. commendador... dê-me a letra (*avança.*)

JOAO DE MORAES.

Se se move dahi... chamo soccorro.

JULIO.

Nem uma palavra. Veja que estou armado, e que vim decidido a tudo (*mostra a thesoura*). Dê-me á letra (*avança.*)

JOÃO DE MORAES (*recuando.*)

Ameaça-me! quer assassinar-me! Aqui d'el-rei! Ladroes!!!

JULIO.

Por amor de si mesmo... cale-se.

JOÃO DE MORAES (*correndo.*)

Quem me acode! que me matão! soccorro! soccorro!

JULIO (*correndo atraz delle.*)

Desgraçado! que se cumpra o nosso destino (*agarr-o, tapa-lhe a boca, e fere-o no peito com a thesoura.*)

JOÃO DE MORAES (*cahindo ensanguentado.*)

Ah?... sttu morto!

SCENA VI.

De ambos os lados da scena apparecem alguns criados e trabalhadores armados de paus, espingardas, espadas, etc., com vellas nas mãos, e pelo fundo, salta pela janella da esquerda do espectador uma escolta de permucoles com um inspector de quarterão

INSPECTOR.

Que gritos são estes? Prendão quantos encontrarem. Soldados dirigem-se em confusão para todos os lados da sala.)

JULIO (que tem estado estatico diz de repente.)

Ladrão! e assassino!... só a fuga ou a morte são es recursos que me restão. *(corre precipitadamente para a janella da direita e empurrando com força a vidraça dá com ella em terra e salta para fora.)*

INSPECTOR.

Vão em seu seguimento, não o deixem escapar, que é elle o criminoso.

(Os soldados correm, saltão tambem a janella em grande confusão, dão tiros fora, e o inspector vem para o pé de João de Moraes, que já está rodeado, fallando para os creados de João de Moraes.)

INSPECTOR.

Transportem-no para a cama afim de ser soccorrido.

Fim do 6.º quadro.

SETIMO E ULTIMO QUADRO.

A SALDA DE TODAS AS DOBÇURAS.

O theatro representa uma sala decentemente mobiliada em casa da viuva Gonzaga: entrada pe'os fundos: á direita do espectador communicações para o interior, e da esquerda, janellas para a rua. — Principio de noite. — Canheiro acceso.

SCENA I.

Mathilde toda vestida de preto assentada em um sofa em grande pranto tapando os olhos com um lenço. — Sua mãe junto della pegando-lhe na mão, em uma cadeira mais afastado o Dr. Ricardo, e em frente do sofa uma preta com uma criança ao collo.

GONZAGA.

Está bom, minha filha, não te afflijas por este modo. Nada consegues com o eslares a atormentar-te deste modo. — O mal está feito, agora o que resta é procurar remedial-o

DR. RICARDO

Sim, minha senhora, sua mãe tem razão, enchugue suas lagrimas, sufoque a sua dôr, tanto mais que o negocio vai tomando melhor aspecto.

MATHILDE (*sempre chorando.*)

Oh! nunca mais poderei conter o pranto. O meu Julio accusado por ladrão e assassino! elle tão honrsto e virtuoso! Meu Deus porque não me dás prestes a morte para que de minha mente se risque tão pavorosa lembrança?

GONZAGA.

Socega, menina, desta madeira te matas e me atormentas sem proveito. — Desejas morrer? queres deixar tua filha, aque'la pobresinha orfã em tão tenra idade? Ao menos por ella cobra animo, e resigna-te ao teu destino.

MATHILDE.

Eu, falta nenhuma lhe faço, e quando Deus me tirar deste mundo de illusões, ficará com sua avó, que olhará por ella *(levanta-se e vai para onde está a filha ao collo da ama, ajoelha-se fallando com a menina.)* Pobre anjinho! gerada com tanto amor, objecto de tão bellos sonhos, esperança de tantas delicias, que terrivel destino veio presidir ao teu nascimento? Tão nova ainda na carreira da vida já tens experimentado todos os horrores da miseria!!! e só Deus sabe ainda o que te reserva a sorte! Teu pai, minha filha, teu pai, sobre quem pesa a mais horrenda accusação, achta-se fugido, abandonado de todos e tu nem ao menos podes comprehender estas desgraças! Para que havias de vir ao mundo? *(levanta-se.)* Oh! Senhor; vós, cuja bondade é infinita, despedi sobre minha cabeça todos os raios da vossa vingança; porém poupai esta innocente, preservai este anjo dos martírios que soffre sua desditosa mãe.

GONZAGA *(enfadado)*

Mathilde, isso tambem é de mais, se ao menos tuas lagrimas podessem servir de alguma cousa, bom era que te desfizessem em pranto; porém ellas são inúteis. O mal tambem por ora não é sem remedio. O Sr. Doutor Ricardo, como ouviste, assegurou-nos, que tudo estará prompto para a fuga de teu marido.

DR. RICARDO.

Do que não há duvida, minha senhora, e espero que ella se
recahe ará sem o menor inconveniente. Amanhã parte para
os Estados-Unidos o vapor *Sydney*, e o commandante que
é meu amigo, e a quem relatei toda a historia do desgraçado
Junio, accedeu aos meus rogos e comprometteu-se a rece-
bel-o a seu bordo. Esta mesma noite o hei-de buscar a um
lugar convencionado para conduzi-lo ao vapor. Assim tenha
a bondade de apromptar-lhe alguma roupa indispensavel,
lembrando-se de que nestes casos o menos é sempre o me-
lhor.

MATHILDE

E eu então não o sigo? E sua filha não hirá com elle?

DR. RICARDO.

Seria isso a maior das imprudencias. Pense, minha
senhora, que Julio vai fugido, que tem de estar oculto du-
rante as visitas dos portos, porque não leva passaporte. Como
pois ter a senhora a bordo e sua filha sem levantar as mais
graves suspeitas? seu marido nesta parte tem sido mais ra-
zoavel; a principio tambem não queria separar-se dos entes,
que lhe são tão caros, mas afinal cedeu ás minhas reflexões e
hoje sujeita-se a ir só para o lugar de seu destino, onde depois
a senhora hirá procural-o em occasião mais oportuna. Logo
que se achar em lugar de segurança elle nos participará e en-
tão a senhora voará para seu lado.

MATHILDE.

Fugido! desterrado de sua patria! para ir viver e en-
paizes estrangeiros? *(chora.)*

DR. RICARDO.

Os Estados-Unidos é uma boa terra, e como Julio fallou

bem o inglez, estou, que não se dará mal. Na conjuntura, em que se acha, é o unico accordo que deve tomar.

GONZAGA.

Sim, ponha-se primeiro em segurança, depois veremos então o que se péde fazer.

MATHILDE.

E nem ao menos hei-de vel-o? não o hei-de abraçar ainda uma vez antes de partir?

DR. RICARDO.

Seria grande imprudencia ! A policia faz todos os esforços para prendel-o : baseada talvez no amor, que consta professar-lhe elle, e que por isso não poderá passar muito tempo sem vel-a, tem cercado esta casa de espiões. Eu fui o proprio que severamente lhe impedi proccural-a.

MATHILDE.

E não poderia eu ir onde elle está ?

DR. RICARDO.

Tambem não : seria perigoso. Minha senhora, tenha paciencia, deixe pol-o a salvamento, e depois faça então tudo quanto lhe aprouver. Por em quanto rogo-lhe que não queira perder os esforços, que por elle tem feito a amizade.

GONZAGA.

E diz bem— A amizade a mais verdadeira— o Sr. Dr. Ricardo tem feito por elle, o que um bom pai faria por seu filho.

DR. RICARDO.

E sinto ter chegado tão tarde a esta cidade; porque se chegasse alguns dias antes, o pobre Julio não se veria reduzido aos extremos em que se viu, e não lhe teria acontecido nenhuma das desgraças que hoje o perseguem; mas cheguei um dia depois do fatal acontecimento. No entanto logo, que delle subsi, calculando pouco mais ou menos para onde poderia ter-se elle retirado, parti immediatamente em sua procura e tão felizmente, que não só o encontrei, como mesmo pude determiná-lo a abraçar os meus conselhos. Agora, o que temo é, que elle não tenha coragem bastante para partir sem ver sua familia.

SCENA II.

OS MESMO E O PADRE ANSELMO.

PADRE ANSELMO (*à porta da entrada.*)

Deus esteja nesta casa.

GONZAGA.

Sr. padre mestre— Pôde entrar, e seja bem vindo.

ANSELMO (*entrando depois de cumprimentar a todos dirigindo-se a Mathilde.*)

Sem que o pergunte, é me bem facil descobrir, pelo estado em que a vejo, ser a senhora a esposa do Dr. Julio (*Mathilde limpa os olhos e faz um signal affirmativo.*) Pois eu venho procurá-la, minha senhora, para fallar-lhe da parte de quem a esta hora dá as mais severas contas ao juiz supremo.

MATHILDE.

Estou prompta a ouvi-lo. Rym, pôde sentar-se.

ANSELMO.

Mesmo de pé cumprirei a minha missão—Fui a pouco chamado para prestar os ultimos socorros da nossa santa religião a um moribundo, que se achava em luta com as ancias da morte. — Sua alma, que por muito tempo fôra presa do peccado, não queria deixar seu humano involucro, sem fazer a mais ampla confissão de seus crimes, e obter delles uma completa absolvição.—Esta, senhora, eu lh'a outorguei em nome de Deus Santo, de Deus Justo, que soffreu morte de cruz para remir os peccados dos homens ; porém para que de todo ella lhe aproveite preciso se torna, que a offendida tambem lhe perdoe, e de todo o seu coração.—Sei dos males, que esse homem lhe causou, sei das desgraças, de que cercou toda a sua familia ; porém o nosso Redemptor ainda mais soffreu, e apczar disso, perdoou aos seus verdugos.— Acaso, senhora, imitando o homem Deus, está prompto a esquecer-se das offensas recebidas, ou quer que a sua vingança transponha o tumulto ? O peccador, em sua vida pectinaz, mostrou-se a final contracto e por isso seria contra os preceitos da religião de Jesus Christo, que o deixassemos ir soffrer as eternas penas do inferno. A pessoa de quem fallo, é de João de Moraes Saraiva—Diga portanto, diga-me se lhe perdoa.

MATHILDE.

Esse homem, meu padre, foi o anjo das trevas, foi o gemo do mal, que me appareceu na estrada da vida ; mas Deus lhe perdoe, como de todo o meu coração faço.

ANSELMO.

Minha filha, esse acto denota a bondade e pureza de sua

alma, e o céu jámais deixará de recompensal-a. Porém o fim que aqui me trouxe só está preenchido em parte. O confessado, minha filha, reconhecendo ter sido o unico motor de todas as suas calamidades, deu-me uma carta para que eu lh'a entregasse, e eu lhe rogo em seu nome e para descanço de sua alma, que acceda a sua ultima vontade— Aqui está a carta, lea.

MATHILDE.

As lagrimas tem-me perturbado a vista, o Sr. Dr. Ricardo póde incumbir-se de sua leitura.

ANSELMO.

Porém sendo confidencial . . . não sci se devo? . . .

GOZAGA.

E' um verdadeiro amigo da familia, e para com elle não podem haver segredos.

ANSELMO.

Nesse caso, cá-la (*dá a carta a Ricardo*).

DR. RICARDO (*abre e lê o seguinte*):

« Senhora. — Prestes a deixar este mundo, onde por muito tempo existirão os horribéis signaes de minha passagem, prestes a comparecer perante o juiz severo, que lê no intimo de nossas almas os mais reconditas pensamentos, eu reconheci haver sido um malvado com pessoas dignas dos maiores respeito. Sua virtude, que para mim deveria ser um objecto de idolatria, não foi mais do que um poderoso incentivo para mais requeutar a minha perversidade, e seu marido bom e credulo, foi sempre o alvo de meus crimes. Cercando a um de miserias e precisões, e conitado o outro

para lançar-se no caminho do vicio, o céo veio enfim punir-me, e das mãos daquelle mesmo que eu havia escolhido para minha victima, recebi o castigo merecido. Eu morro, senhora, em consequencia da larga ferida que seu marido abriu em meu peito ; mas bora longe de maldizer seu nome, lhe perdo-o a morte, porque nisso enxergo o dedo da Providencia. Tenho quasi certeza de que tambem serei perdoado por aquelles, a quem causei tão cruéis danos; porém isto não basta : de seio ao menos na morte praticar uma acção boa, já que o não fiz em toda a minha vida. Eu desço á s pultura sem deixar filhes, que a Deus não aprouve perpetuar a minha raça, e quem mais dignos se não de ficar com o que hoje passou do que aquelles á quem fiz tão infelizes ? Como o último dos favores, senhora, .lhe supplico que haja de aceitar a minha herança. Sei que as riquezas não a seduzem ; mas reflecta que já tem uma filha, e que ha de fazer do ouro que lhe lego, melhor uso do que eu fiz. Minha afilhada (permita que pela ultima vez lhe dê esse doce nome), não erre os ouvidos a supplica de um muribundo ou antes a de um cadaver, pois quando esta lhe chegar ás mãos já o meu corpo pertencerá á terra, — não seja mex-ravel, que sua recusa importaria a minha maldição, e minha alma seria votada ás penas do inferno. Por si, por seu marido, por sua innocente filha, lhe rogo que acquiesça a s derradeiros votos de João de Moraes Saraiva. "

ANSELMO.

Elle já expirou, minha filha, e todos os seus bens agora lhe pertencem.

MATILDE.

E de que me serve o ouro ? de que me servẽ suas riquezas, se vejo o meu Julio, se minha filha fica sem seu pai ?

DR. RICARDO.

Como perdê-lo, minha senhora? Será apenas uma curta ausencia. Em breve todos serão reunidos.

MATHILDE.

Mas se ao menos eu ainda pudesse vê-lo só uma vez? apertá-lo em meus braços. . . .

SCENA III.

OS MESMOS E JULIO (*entraudo muito assustado de repente.*)

JULIO.

Mathilde! Mathilde! (*vendo-a corre á ella* Minha querida! (*abraça-a*)

MATHILDE.

Julio! meu esposo! (*abraça-o por muito tempo*)

DR. RICARDO (*estupefacto.*)

Julio! Julio! oh! meu Deus que imprudencia! Para que não seguiste os meus conselhos? para que te vieste expôr? Não sabes que a policia faz altas diligencias para prender-te?

JULIO (*sempre abraçado.*)

E que me importa hoje a policia se desfructo a maior das venturas? (*aparta-se de Mathilde*) Ricardo, não deixo de

conhecer que vindo á cidade á estas horas deixando o meu retiro, exponho-me a ser descoberto e preso; mas recorda-te, amigo, que esta noite mesmo tenho de fugir para paizes estrangeiros — afim de occultar o meu crime e a minha vergonha. E querias tu que eu pudesse deixar a terra onde nasci. — a querida patria, a minha terna esposa *abraça-a*, a minha innocente filha (*corre a ella e a beija*) sem vir dar-lhes o ultimo osculo de despedida? Oh! era exigir mais do que permittião as minhas forças! Pude apartar-me da honra, pude lançar-me no crime, que para sempre me perdeu, tive coragem para tudo; porém separar-me destes dois entes, a quem adoro, sem vel-os ao menos uma vez? era impossivel. Inda que no meu caminho eu encontrasse mil mortes, a tudo me afoutaria. Tu, amigo, porque não tens uma espada, porque ainda não és pai, e que julgas, que se pôdem estar facilmente estas cordas do nosso coração, mas se pudesses calcular, o que é ausencia dessas porções de nossa alma, do certo me desculparias. Por quantas vezes não mais podendo soffrer os rigores da saudade, estive para entregar-me aos meus Juizes? Ao menos preso, no mais escuro calabouço, em que me lançassem, poderia ver minha mulher e minha filha, unil-as ao meu peito, e essa suprema felicidade suavizaria as acerbas dôres, que me pungem.

MARCELLE *desfrita em pranto abraçando-a*.

Meu querido Julio! (*reparando para elle*) porém como estás pallido! como te vejo abatido! Grande Deus! quantos tormentos e privações terás soffrido?

JULIO.

Oh! mais do que podes imaginar. Nessa noite horrivel, em que o inferno em furias se apossou de meu espirito, ao retirar-me da casa da minha victima, perseguido pela es-colta, que sobre mim disparava repetidos tiros, lancei-me ao mar e depois de haver lutado por muito tempo com as

alma, e o céo jámais deixará de recompensá-la. Porém o fim que aqui me trouxe só esta preencheu em parte. O confessado, minha filha, reconhecendo ter sido o unico motor de todas as suas calamidades, deu-me uma carta para que eu lh'a entregasse, e eu lhe rogo em seu nome e para descanso de sua alma, que acceda a sua ultima vontade— Aqui está a carta, lea.

MATHILDE.

As lagrimas tem-me perturbado a vista, o Sr. Dr. Ricardo pôde incumbir-se de sua leitura.

ANSELMO.

Porém sendo confidencial. . . não sei se devo? . . .

GOZAGA.

E' um verdadeiro amigo da familia, e para com elle não podem haver segredos.

ANSELMO.

Nesse caso, dá-a (*dá a carta a Ricardo*).

DR. RICARDO (*abre e lê o seguinte*):

« Senhora. — Prestes a deixar este mundo, onde por muito tempo existirão os horriveis signaes de minha passagem, prestes a comparecer perante o juiz severo, que lê no intimo de nossas almas os mais reconditos pensamentos, eu reconheci haver sido um malvado com pessoas dignas dos maiores respeitoes. Sua virtude, que para mim deveria ser um objecto de idolatria, não foi mais do que um poderoso incentivo para mais requeutar a minha perversidade, e seu marido bom e credulo, foi sempre o alvo de meus crimes. Cercando a um de miserias e precisaões, e conchitando o outro

para lançar-se no caminho do vício, o céu veio enfim punir-me, e das mãos daquelle mesmo que eu havia escolhido para minha victima, recebi o castigo merecido. Eu morro, senhora, em consequencia da larga ferida que seu marido abriu em meu peito; mas bem longe de maldizer seu nome, — lhe perdo-o a morte, porque nisso enxergo o dedo da Providencia. Tenho quasi certeza de que tambem serei perdoado por aquelles, a quem causei tão cruéis danos; porém isto não basta: de sejo ao menos na morte praticar uma acção boa, já que o não fiz em toda a minha vida. Eu desço á sepultura sem deixar filhas, que a Deus não aprouve perpetuar a minha raza, o quem mais dignos serão de ficar com o que hoje passo do que aquelles á quem fiz tão infelizes? Como o ultimo dos favores, senhora. . . lhe supplico que hajá de aceitar a minha herança. Sei que as riquezas não a seduzem; mas reflecta que já tem uma filha, e que ha de fazer do ouro que lhe lego, melhor uso do que eu fiz. Minha afilhada (permita que pela ultima vez lhe dê esse doce nome), não erre os ouvidos a supplica de um muribundo ou antes a de um cadaver, pois quando esta lhe chegar ás mãos já o meu corpo pertencerá á terra, — não seja inexoravel, que sua recusa importaria a minha maldição, e minha alma seria votada ás penas do inferno. Per si, por seu marido, por sua innocente fillinha, lhe rogo que acquiesça a s derradeiros votos de João de Moraes Saraiva. »

ANSELMO.

Elle já expirou, minha filha, e todos os seus bens agora lhe pertencem.

MATHILDE.

E de que me serve o ouro? de que me servẽ suas riquezas, se . . . perece o meu Julio, se minha filha fica sem seu pai?

DR. RICARDO.

Como perdê-lo, minha senhora? Será apenas uma curta ausência. Em breve todos serão reunidos.

MATHILDE.

Mas se ao menos eu ainda pudesse vê-lo só uma vez? apertá-lo em meus braços. . . .

SCENA III.

OS MESMOS E JULIO *(entrando muito assustado de capote.)*

JULIO.

Mathilde! Mathilde! *(vendo-a corre à ella)* Minha querida! *(abraça-a)*

MATHILDE.

Julio! meu esposo! *(abraça-o por muito tempo)*

DR. RICARDO *(estupefacto.)*

Julio! Julio! oh! meu Deus que imprudencia! Para que não seguiste os meus conselhos? para que te vieste expôr? Não sabes que a policia faz altas diligencias para prender-te?

JULIO *(sempre abraçado.)*

E que me importa hoje a policia se desfructo a maior das venturas? *(aparta-se de Mathilde)* Ricardo, não deixo de

conhecer que vindo á cidade á estas horas deixando o meu retiro, exponho-me a ser descoberto e preso; mas recorda-te, amigo, que esta noite mesmo tenho de fugir para paizes estrangeiros afim de occultar o meu crime e a minha vergonha. E querias tu que eu pudesse deixar a terra onde nasci, — a querida patria, a minha terna esposa (*abraça-a*), a minha innocente filha (*corre a ella e a beija*) sem vir dar-lhes o ultimo osculo de despedida? Oh! era exigir mais do que permitião as minhas forças! Pude apartar-me da honra, pude lançar-me no crime, que para sempre me perdeu, tive coragem para tudo; porém separar-me destes dois entes, a quem adoro, sem vel-os ao menos uma vez? era impossivel. Inda que no meu caminho eu encontrasse mil mortes, a tudo me afoutaria. Tu, amigo, porque não tens uma esposa, porque ainda não és pai, e que julgas, que se pôdem est dar facilmente estas cordas do nosso coração, mas se pudesses calcular, o que é ausencia dessas porções de nossa alma, do certo me desculparias. Por quantas vezes não mais podendo soffrer os rigores da saudade, estive para entregar-me aos meus Juizes? Ao menos preso, no mais escuro calabouço, em que me lançassem, poderia ver minha mulher e minha filha, unil-as ao meu peito, e essa suprema felicidade suavizaria as acerbhas dores, que me pungem.

MATILDE *desfalta em pranto abraçando-o.*

Meu querido Julio! (*reparando para elle*) porém como estás pallido! como te vejo abatido! Grande Deus! quantos tormentos e privações terás soffrido?

JULIO.

Oh! mais do que podes imaginar. Nessa noite horrivel, em que o inferno em furias se apossou de meu espirito, ao retirar-me da casa da minha victima, perseguido pela escolta, que sobre mim disparava repetidos tiros, lancei-me ao mar e depois de haver lutado por muito tempo com as

ondas, afinal fui tomar terra na praia de S. Christovão, e dahi caminhei todo o resto da noite sem destino. Logo que o dia comessou a clarear, vendo sempre em roda de mim guardas e quadrilheiras (que os remorsos e a imaginação exaltada aprasião-se em crear), deixei a estrada, e transpondo ao acaso uma cerca, caminhei, ou antes arrastei-me por um intrincado bosque, onde as forças de todo me abandonarão, e estive privado dos sentidos por longo tempo. Já o sol tinha percorrido mais da metade de sua carreira, e ainda os meus vestidos, humidos da vespera, me enriquelavão os membros. Sentia dôres atrozes, no corpo, mas estas nada crão em comparação das do espirito !

MATHILDE (*abraçando-o de novo.*)

Pobre Julio !

JULIO (*continuando.*)

Durante dous dias e duas noites estive sem tomar alimento algum, porque só alguns fructos verdes e agreste-encontrava em minha passagem. Cheguei enfim á casa do nosso bom amigo, onde, Ricardo foi ter comigo ! e elle, para conhecer-me, foi preciso, que lhe dissesse meu nome ! taes crão as mudanças, que em mim se havião operado ! Com a face livida, com os vestidos rotos, com es pés dilacerados, e envoltos em sangue, mais semelhava um cadaver, do que um homem. Ahi permaneci por alguns dias preza de uma ardente febre, e no meu delirio, só via forças, que em torno de mim se levantavão. Oh ! que se todos previssem, o que sãõ os remorsos, o mundo nunca teria de punir.

DR. RICARDO.

Está bom, não tratemos agora disso, tudo se remediará com a tua auzencia.

JULIO.

Tudo se remediará dizes tu? Como? e quando? O meu nome não está para sempre infamado? minha reputação para sempre perdida? e o futuro, que poderia ser tão brilhante, pejado das mais escuras e hediondas nuvens? Mesmo subtraído a acção da justiça a lembrança do meu crime não me acompanhará por toda a parte? Ah! Ricardo Ricardo! ninguém pôde ajuitar dos tormentos, que soffre uma alma criminoza. Se vêlo, a idéa de meu crime não se risca de minha lembrança! meus ouvidos convertem todos os sons em lugubres gemidos, e meus olhos injectados de sangue, só veem sangue em tudo, quanto se lhes apresenta; se durmo mil espectres me rodeião, mil visoes phantasticas me cercão e entre ellas sempre deviso a minha victima, que com riso provocador me aponta para a larga ferida, que abri em seu seio! Oh! então como é cruel meu padecer! a respiração me falta, sinto que a vida se me estanca sem poder morrer. Meu Deus! então me julgo amaldiçoado, e acredito que a propria religião me abandona!

ANSELMO.

A religião só abandona quando não se tem fé, senhor, mas quando se confia na misericordia do Todo o Poderoso, elle já mais deixa de vir em auxilio do peccador arrependido. Deus que lê em todos os corações, que n'este momento vê a dôr, que o flagella, lhe dará o necessario conforto para suportar os contratempos da vida. Tenha fé e esperanza, que os remorsos, que hoje sente, fazem honra aos sentimentos de sua alma.

GONZAGA.

Sim, meu filho, tenha coragem. Vá para o seu destino, que seus amigos desvelados não o hão de desamparar *(Látem palmas fóra.)*

DR. RICARDO.

Quem será ? (*a Julio.*) Retira-te por um instante que eu vou ver, quem é (*Julio retira-se para a esquerda, Ricardo vai abrir a porta.*)

SCENA IV.

OS MESMOS, UM SUBDELEGADO DOS MEIRINHOS E PERMANENTES.

SUBDELEGADO.

Queira perdoar-me, senhor. Não he aqui que mora a Sra. Viuva Gonzaga ?

GONZAGA.

Uma sua criada.

SUBDELEGADO.

Pois, minha senhora, foi visto a pouco entrar para aqui um homem encapotado em busca de quem anda a policia. Pela hora adiantada não poderemos varejar-lhe a casa para prendel-o, mas previno-a de que todas as saídas se achão tomadas, que o criminoso não poderá escapar. Assim acho, que o mais prudente será a senhora entregal-o á prisão, para não incorrer na censura da lei.

MATHILDE (*à parte.*)

Oh ! meu Deus tende compaixão delle !

GONZAGA.

Não sei de que criminoso me falla ; todas as pessoas, que aqui hoje entrarão, estão presentes, pôde ver se é alguma dellas.

ANSELMO (*metendo as mãos nas mangas.*)

Aqui affianço, que não vi ninguém encapotado, (*aparte*) façamos como S. Francisco de Paula (*Alto*, talvez se enganassem comigo, tomando o meu habito por um capote.

SUBDELEGADO.

Não, senhor, o vulto foi perfeitamente reconhecido— E como não querem obedecer por bem, logo que amanheça, começaremos a busca, e ainda mesmo, que seja necessario derrubar toda a casa, hei descobrir o criminoso.

SCENA V.

OS MESMO, E JULIO (*apparecendo* .

MATHILDE (*á parte.*)

Julio! está perdido!

JULIO.

Não será preciso tanto para a minha prisão que expon-taneamente a ella me entrego: Ricardo, a ti confio os entes mais caros da minha vida, os objectos da minha constante solicitude: faze-os felizes, amigo, já que eu só causei-lhes penas e dissabores, a Gonzaga. Senhora, perdoe-me os males, que fiz soffrer a aquelle anjo, males bem involuntarios, mas que uma terrivel fatalidade os provocava (a Anselmo). Meu padre deite-me a sua benção para apaziguar as angustias de minha alma, (*beija-lhe a mão*). Minha filha, pe-nhor sagrado do mais puro e mais ardente amor, um osculo, um derradeiro beijo (*da-lhe'o*). Mathilde... que ainda uma vez te una a meu seio, que sintas teu coração palpar sobre o meu... e um dia... de novo unidos não mais tere-mos que temer os revezes da sorte.

MATHILDE (*á parte.*)

Eu tremo! que desígnios serão os seus?

JULIO, *ao subdelegado.*

Agora, senhor, póde tomar conta de mim—(*o subdelegado e os guardas avançam, Julio faz-lhe signal, que esperem; porém... só de meu cadaver, que meu espirito é livre, e pertence á divindade, dá com uma pistola um tiro no ouvido e cahe morto.*)

MATHILDE (*dá um grato e cahe desmaiada.*)

Ah!

DR. RICARDO,

Que horror! *corre para elle.*)

ANSELMO,

Deus se amercie de sua alma! *(poem as mãos e aoolha. e Gonzaga corre para junto da filha suspende-lhe a cabeça e recosta no joelho.)*

Fim do drama. (*)

(*) Tinha dado outro desfeicho a este drama; porém como nelle havia uma censura aos abusos praticados pelos nossos tribunaes de jurados, o consrvatorio dramático não quiz consentir que elle fosse representado: vi-me obrigado pois a mudar esse desfeicho e não achando outro melhor que o suicidio do prothogonista, assim o executei. Desgraçadamente, quando o drama já se achava no prelo, foi que appareceu o grande numero de suicidios que horrorisou esta cidade. — A' vista desses acontecimentos inda tentei modificar o novo final; mas já era muito tarde e o prejuizo que dali me provinha, era grande. O remedio era deixal-o tal e qual; permita o Céu que esse imaginario suicidio, que faço passar em scena, sirva de exemplo aos nossos incautos manebos, para evitarem os meios que conduzem a esse acto de horror, e de louca desesperação.

O AITOR,